



**Always ready for Operation
Now ready for Portugal**

O Ministério da Defesa de Portugal encomendou e em 15 variantes diversas a fornecer às Forças Armadas terrestres e à Marinha portuguesas. O fornecimento de 260 blindados de rodas PANDUR, dos quais 20 viaturas são anfíbias. Todas as viaturas são produzidas na versão 8x8

em 15 variantes diversas a fornecer às Forças Armadas terrestres e à Marinha portuguesas. O armamento inclui variantes com a torre Steyr SP 30 e abrange desde a metralhadora cal. 12,7 mm até ao Morteiro cal. 120 mm.



STEYR-DAIMLER-PUCH
SPEZIALFAHRZEUG GMBH
A GENERAL DYNAMICS COMPANY



P.O.B. 100, A -1111 Vienna, Austria, Phone: +43-1-760 64
Fax: +43-1-769 81 49, Homepage: www.steyr-ssf.com

GENERATION STEYR

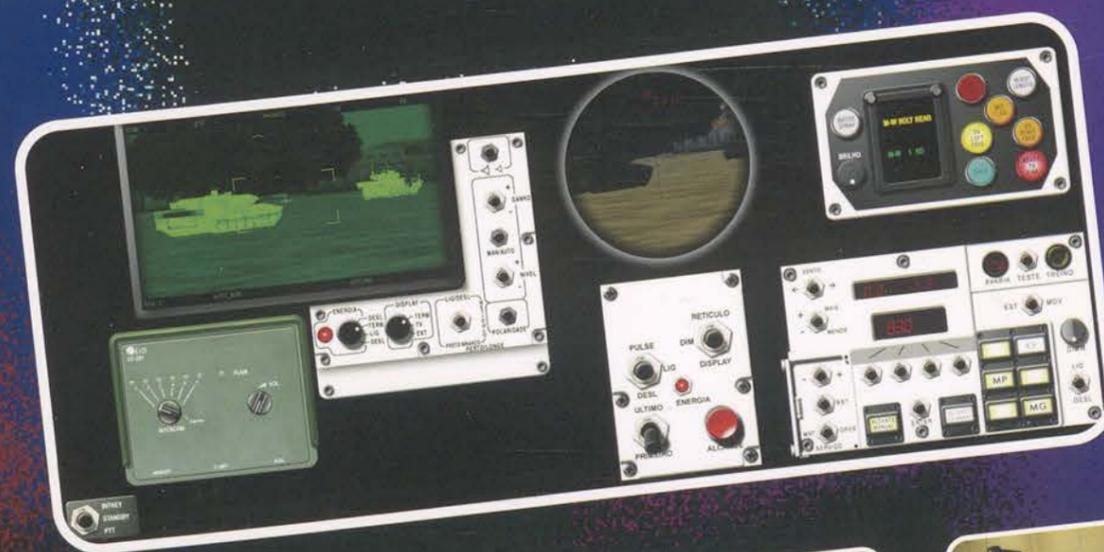


REVISTA

da
CAVALARIA

Revista Quadrimestral de Cavalaria | Dezembro 2008 | 3ª Série | Ano V | Nº 16

A simulação na Cavalaria



Sumário

■ Palavras do Director Honorário da Arma _____	3
MGEN Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros	
■ Editorial _____	5
TCOR Cav Miguel Freire	
■ Linha Editorial _____	5
■ «Necessidade e Importância da Modelação & Simulação» _____	8
ALF Cav Cordeiro Caetano	
■ «Simulador VBR PANDUR II - 8x8 PCAN 30mm» _____	16
TEN Cav Paulo Fernandes	
■ «Simulação para guarnições CC LEOPARD 2A6 no Exército Espanhol» _____	18
TCOR Cav Jorge Pedro	
■ «Porquê CC no Reconhecimento» _____	22
MAJ Cav Serrano	
■ «Cargas na História» _____	30
FURR Inf Ricardo B. M. Gonçalves	
■ Os Meus Livros _____	34
■ Resenha de Actividades das Unidades _____	39
■ Promoções/Nomeações/Óbitos _____	46

■ FICHA TÉCNICA

Propriedade
Associação Revista da Cavalaria

Director
TCOR Miguel Freire

Chefe de redacção
MAJ Jorge Henriques

Redacção
TEN Paulo Fernandes

Revisão
TCOR Miguel Freire
MAJ Jorge Henriques

Contactos
Associação Revista da Cavalaria
Regimento de Lanceiros N.º 2
Calçada da Ajuda
1349-054 Lisboa
E-m@il:
revistadacavalaria@gmail.com

Execução gráfica
SOARTES - artes gráficas, lda.

Depósito Legal
203499/03

Palavras do Director Honorário da Arma



Luís Miguel de Negreiros Morais de Medeiros
MGEN

Decidiu a Direcção da Revista de Cavalaria dedicar este número à utilização de Simuladores para as Viaturas Blindadas PANDUR II, necessidade por demais evidente dadas as vantagens sobejamente conhecidas quanto à sua utilização.

As Viaturas Blindadas PANDUR II destinam-se a substituir as Viaturas Blindadas CHAIMITE, estando já a nossa Escola Prática a formar os Chefes de Viatura e Condutores, tendo já sido elaborados os referenciais de curso e os respectivos manuais.

O emprego de simuladores permite, de forma mais económica e com maior segurança, operar as viaturas ou equipamentos simulados, da mesma forma como se estivessem a ser utilizados de verdade, permitindo ainda de acordo com a programação efectuada, apresentar uma gama variada de situações e incidentes que vão evoluindo de acordo com o grau de aproveitamento, sem implicar os desgastes e correr os riscos com a utilização dos equipamentos verdadeiros.

Assim é de toda a importância poder vir a dispor deste tipo de equipamentos, com vista a garantir uma melhor e mais completa formação dos cursos/cargos e estágios relativos a estas novas Viaturas Blindadas PANDUR II.

As reflexões aqui expressas irão certamente permitir uma melhor análise e compreensão, que certamente nos levará a compreender a grande necessidade de utilização de simuladores dado o grau de sofisticação destas Viaturas Blindadas PANDUR II

MGEN LUÍS MIGUEL DE MEDEIROS
Director Honorário da Arma de Cavalaria.

SEMINÁRIO

“As Escolas Práticas – sua missão e organização”

Uma vez mais a Associação Revista da Cavalaria é parceira da Escola Prática de Cavalaria (EPC) na organização de um seminário no âmbito das comemorações do dia da Arma da Cavalaria e da Escola Prática de Cavalaria.

Este ano decorrerá no dia 29 de Abril, nas instalações da EPC, em Abrantes, e tem como tema “As Escolas Práticas – sua missão e organização” e o objectivo é desenvolver esforços no sentido de contribuir para a reorganização das Escolas Práticas.

A organização pretendeu envolver todas as entidades do Exército representativas do actual modelo de formação em vigor, desde a sua estrutura superior por via do Comando de Instrução e Doutrina (CID), passando pela Direcção de Formação/CID, até algumas Escolas Práticas suficientemente caracterizadoras da sua organização e missão e, simultaneamente, diferenciadoras umas das outras, a fim de se evidenciar a disparidade de modelos e, por último, contribuir para a arquitectura de um modelo de Escola Prática (EP);

1. PAINEL Nº 1

- **Título:** “O CID e o Sistema de Formação do Exército”
- **Finalidade:** abordar a temática do CID, sua missão e organização no modelo de formação do Exército.
- **Moderador:** MGEN Alfredo Nuno da Cunha Piriquito
- **Orador 1:** CEM/CID, COR Art António Emídio da Silva Salgueiro, abordando a estrutura organizacional, principais dificuldades, mecanismos de controlo, entre outros sub-temas.
- **Orador 2:** Subdirector/DF, COR Inf Jorge Manuel Fernandes Alves de Oliveira, abordando a missão das EP no actual Sistema de Formação do Exército, modelos de EP, vantagens e inconvenientes por modelo de EP, definição de um modelo de EP, entre outros sub-temas.

2. PAINEL Nº 2

- **Título:** “As Escolas Práticas e o respectivo modelo”
- **Finalidade:** caracterizar o actual modelo “per si” de cada escola e contribuir para a arquitectura de modelo de EP que melhor satisfaça o cumprimento da missão, quer em meios, quer também em estruturas organizacionais, quer ainda nas relações de comando e de autoridade técnica das respectivas armas e/ou serviços.
- **Moderador:** MGEN Aníbal Alves Flambó
- **Orador 1:** DF da EPI, TCOR Inf Sebastião Joaquim Rebouta Macedo
- **Orador 2:** DF da EPE, TCOR Eng Rui Paulo Brazão Martins Costa
- **Orador 3:** DF da EPS, TCOR SAM Jorge Martins da Silva
- **Orador 4:** DF da EPC, TCOR Cav Francisco Amado Rodrigues

Editorial

A SIMULAÇÃO

A entrada ao serviço das Viaturas Blindadas de Rodas (VBR) Pandur 8X8 e dos Carros de Combate (CC) Leopard 2 A6 significou um salto tecnológico sem precedentes para o Exército Português, e em particular para a sua Cavalaria. Como tem sido referido em sucessivos artigos publicados na Revista da Cavalaria, este salto tecnológico traz consigo uma mão cheia de desafios que deverão ser ultrapassados por forma a que estes equipamentos, devidamente guarnecidos por pessoal instruído e treinado, se constituam em unidades prontas para combate. É esta a missão primeira!

As VBR Pandur e os CC Leopard 2 A6 têm servido de catalisador para o Exército Português repensar e actualizar a sua forma de encarar e empregar a simulação para a prontidão das suas unidades. Por esta razão este tema foi escolhido para este último número de 2008. Como se argumenta nos vários artigos publicados e se constata na prática dos exércitos nossos aliados, nomeadamente o exército Espanhol, a simulação é uma componente incontornável do caminho necessário à proficiência técnica e táctica das unidades militares, quaisquer que sejam os seus meios. Claro está!, muito

TCOR Cav MIGUEL FREIRE
C3 Cmd BrigMec

mais ainda quando se tratam de sistemas de armas complexos como são os Carros de Combate e Viaturas Blindadas. A forma como se vão articular os parcos recursos existentes para aquisição/aluguer de sistemas de simulação com a imensa necessidade de instrução e treino ditará muito sobre o grau de sucesso que obteremos na constituição de unidades credíveis.

CARROS DE COMBATE NO RECONHECIMENTO

Uma outra questão relacionada com a entrada ao serviço dos novos sistemas de armas prende-se com as implicações na organização e doutrina das unidades que os recebem. Atento a esta situação e com a oportunidade

devida, recebemos, com agrado, um artigo do Comandante do ERec/BrigMec.

CONCURSO LITERÁRIO DESTINADOS AOS INSTRUENDOS- -ALUNOS DA ESE

Publicamos neste número o artigo vencedor do 1º Concurso Literário destinado aos Instruendos-alunos da Escola de Sargentos do Exército. Este concurso constituiu um dos objectivos da Direcção da Associação para o ano lectivo 2007-2008 e, por isso, só nos podemos regozijar pela sua concretização. Cumprimos com os objectivos de “fomentar, aprofundar e difundir o conhecimento científico, técnico, histórico, cultural e deontológico da cavalaria militar, em particular, e do exército em geral, bem como de promover a reflexão e criatividade dos Instruendos alunos da Escola de Sargentos do Exército para assuntos com particular interesse para o Exército e/ou para a Arma de Cavalaria”. Quisemos, também, difundir a Revista na categoria de Sargentos e como consequência, aumentar o número de associados nesta categoria. Infelizmente, este aspecto é que ainda não foi conseguido.

Linha editorial

Para os próximos números os temas serão:

Nº	Mês da Publicação	Data limite de entrega	Tema
17	Março '09	30 Abril '09	O Cavalo na Guerra de África 1961-1974.

Os artigos não deverão ultrapassar as 3500 palavras e, sempre que possível, acompanhados de fotografias, mapas ou outras imagens que o autor entenda convenientes. Independentemente do tema central a Revista mantém fixas as seguintes secções:

- Editorial
- Correio do Leitor
- Livros - Artigos - Revistas - Sites
- Resenha de Actividades de Unidades

Necessidade e Importância da Modelação & Simulação

A importância das novas tecnologias e sistemas informáticos ao serviço da actual sociedade veio facilitar variados processos, conhecimentos e respostas em tempo oportuno, habituando-nos a um ritmo frenético de aquisição e transmissão de conhecimentos.

A minha tese de mestrado foi subordinada ao tema "Necessidade e Importância da Simulação na Cavalaria Portuguesa", no término do Curso de Ciências Militares ramo da Cavalaria da Academia Militar e teve como principal objectivo acompanhar o desenvolvimento tecnológico na área da Simulação Militar e da aquisição de novos sistemas de armas, resultantes da transformação que vivemos na Cavalaria Portuguesa.

O artigo focaliza-se apenas em temas de carácter teórico e doutrinário, apesar de a tese ter uma abrangência mais prática. O trabalho de investigação está ligado à análise de conhecimentos actuais na área da Simulação Internacional e Nacional, e à realização de previsões custo/rentabilidade de vários sistemas. Todo o conjunto de temas apresentados conduz-nos às considerações finais que revelam uma visão actual de um estudo recente numa área pouco documentada.

ALF Cav CORDEIRO CAETANO
RL2

BREVE RESENHA HISTÓRICA DA SIMULAÇÃO MILITAR E JOGOS DE GUERRA

É essencial fazer o enquadramento histórico e conceptual para melhor se compreender a evolução do pensamento e do conhecimento sobre a Simulação Militar.

Não é um instrumento recente, havendo registos da sua necessidade ao longo da história das civilizações. Desde 3000 a.C., há registos que provam a existência do jogo de guerra Chinês, chamado Wei-Hai, assim como o Chaturanga na Índia, por volta de 500 d.C.¹. Nos séculos XVII e XVIII, os Prussianos desenvolveram o Xadrez com o objectivo do treino da Tática Militar, surgindo o que se considera a primeira representação dos modernos jogos de guerra com Kriegsspiel².

A ideologia do Kriegsspiel perdurou mesmo durante as duas guerras mundiais. A Segunda Guerra Mundial foi um marco nas táticas, nos sistemas de armas e em variados domínios; estimulou a Simulação Militar, «incorpora[ndo] métodos científicos de experimentação nos jogos de guerra»³.

O potencial das actuais tecnologias informáticas contribuiu para estreitar a diferença entre o real

e o simulado, através do desenvolvimento da realidade virtual⁴, da tecnologia gráfica 3D⁵ e da exploração de uma *Artificial Intelligence* (AI)⁶ com capacidades de resposta comparáveis à aleatoriedade da resposta humana. A explosão dos jogos de computador comerciais e os seus motores gráficos vieram também apoiar o desenvolvimento dos simuladores militares.

CONCEITO DE SIMULAÇÃO OU MODELAÇÃO & SIMULAÇÃO

A multiplicidade de aplicações da Simulação que se estendem às áreas da engenharia, da medicina ou da aeronáutica leva a que, por vezes, associemos a sua definição a determinadas áreas de utilização; para melhor compreendermos toda o assunto em análise, deveremos definir o conceito generalista de Simulação.

Segundo Jerry Banks a Simulação, «is the imitation of the operation of a real-world process or system over time. (...) Simulation is an indispensable problem solving methodology for the solution of many real-world problems, Simulation is used to describe and analyze the behaviour of a system, ask what-if questions about the real system, and aid in the design of real system.»⁷.

Dos vários ramos aplicacionais que a Simulação pode abarcar, a nossa atenção dirige-se à Simulação Militar. A terminologia conceptual coerente a adoptar baseia-se na terminologia da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), presente no *Glossary of Training Technology Terms* (NATO Working Group on Training Technology, 1998) e adoptada pelo antigo Comando de Instrução (CI) do Exército Português.

A Simulação Militar:

«é a representação dinâmica das condições de operação de um sistema real. A simulação usa modelos dinâmicos de ambientes reais e equipamentos para qualificar instruídos na aquisição e prática de tarefas/competências, conhecimentos e atitudes.»⁸

Sabendo que a Simulação usa modelos para desenvolver todo um conjunto de situações e variáveis é importante realçar o conceito de Modelo para melhor compreendermos a razão pela qual o termo Simulação passou a estar associado ao vocábulo Modelação. Assim, surge em muitos países da NATO a expressão Modelação & Simulação (M&S).

Deste modo, Modelo é «(...) a representation of a system, entity, phenomenon, or process. Software models of specific entities are comprised of algorithms and data.»⁹ (NATO, 1998), isto é, um modelo não é mais do que uma representação de algo, quer seja físico, matemático ou conceptual.

No entanto, no Exército Português a expressão que se continua a apresentar em artigos e documentos é Simulação ou Simulação Militar. Será importante compreender esta evolução terminológica e aplicá-la às futuras políticas de simulação do Exército.

PROCESSOS DE INSTRUÇÃO E TREINO E A SIMULAÇÃO MILITAR

É necessário perceber a que processos de instrução e treino recorrem alguns países, como a miniaturização, a substituição e a simulação propriamente dita.

A miniaturização recorre ao uso real da arma, utilizando redutores de calibre, carreiras de tiro reduzidas e munições de calibre reduzido. A substituição é um processo de aplicação de dispositivos que imitam o todo ou parte do sistema. E a simulação propriamente dita refere-se a mecanismos capazes de imitar o todo ou parte das funções e tarefas necessárias à utilização dos sistemas simulados.

Falando dos sectores de aplicação da Simulação Militar, podemos dizer que actualmente todas as áreas de actividade militar podem usar a simulação como ferramenta da instrução e treino, cada vez mais com um elevado grau de realismo. Falamos assim da instrução do tiro, da condução e da tática. Do ponto de vista pessoal, pensamos que será mais do que uma ferramenta e que poderá ser considerada um método de instrução e treino e não apenas ser vista como um auxiliar de instrução.

A instrução do treino de tiro é cada vez mais dispendiosa, não só pela evolução das munições, atendendo à sua eficiência, letalidade, precisão e autonomia, as quais envolvem elevados custos de produção; mas também pela necessidade de carreiras de tiro que cumpram os requisitos de dimensão, segurança, de planos de protecção ambiental¹⁰, entre outros.

A instrução e treino de tiro é uma das áreas onde podemos jus-

tificar o investimento em sistemas de simulação pelo estudo realizado na tese. Segue-se a uma pequena amostra dos actuais sistemas que podem auxiliar a instrução e treino do tiro técnico e tático, salientando dois ramos da Simulação Militar quanto ao seu tipo; a Real e a Virtual.

No que respeita à simulação Real, existe a utilização de dispositivos que usam as armas e munições reais, miniaturizadas, como já falamos nos processos de instrução e treino simulados.¹¹

Outra técnica usada na Simulação de tiro em exercícios táticos é a utilização de sistemas que substituem o projectil pela emissão de um feixe laser, muito conhecido pelo sistema Multiple Integrated Laser Engagement System (MILES2000) da Cubic. O sistema Português Simulador de Tiro Laser para Armas de Tiro Tenso (SITPUL)¹² é semelhante ao anterior.

No que respeita à simulação virtual, mencionamos dispositivos que interligam os meios reais aos virtuais, como por exemplo, o SIMUGUN¹³ da Rafael Advanced Defense Systems.

Dedicados à simulação em sala, existem vários dispositivos copiando os sistemas de armas de tiro real, exemplo do Advanced Gunnery Training System (AGT-S)¹⁴ da Lockheed Martin. Ainda neste campo, existem os jogos de computador para PC a baixo custo de aquisição, como é o caso do Steel Beats Pro¹⁵ da eSim Games, que é um jogo adaptável ao treino do tiro e de outros procedimentos, que tivemos a oportunidade de experimentar durante a estada em Espanha, no Regimento de Caballería Ligera Acorazada (RCLAC) N.º12 de Farnesio.

O estudo permite-nos concluir que é necessário a reestruturação da política de simulação em vigor; esta carece de actualização e de extensão de critérios, como por exemplo, apresentar normas de aquisição bem delimitadas para a realidade nacional, definir classificações dos simuladores em níveis, mas também em tipo, e adequar objectivos para os vários sistemas de aplicação da simulação táctica, de tiro e de condução e outros.

Podemos concluir que é necessário e prioritário o investimento por completo na Simulação com um retorno a longo prazo, para que não se incorra no engano de formar tro-

pas ineficazes nas suas especialidades pela carência de treino real. Com efeito, a Simulação pode garantir mínimos de instrução e treino muito próximos das condições reais nos vários sistemas de armas que a Cavalaria possui actual e futuramente, mas nunca substituindo o Real.

É necessário existir um órgão que centralize a simulação no Exército, com capacidade de catalogação do estado operacional, de pesquisa de materiais para actualizações possíveis dos sistemas de simulação; que possa estabelecer uma doutrina de instrução e treino para uma correcta avaliação das várias matérias oferecidas. A criação de um núcleo

de simulação capaz de ser duradouro e bem incrementado para fazer a ligação com o mencionado órgão central ficará ao encargo das Escolas Práticas e unidades que possuam sistemas de Simulação.

Por fim, com a crescente necessidade do recurso ao simulado, será necessário, por limitação do treino real na Cavalaria, considerar a criação de núcleos/unidades dedicadas por excelência à Simulação com quadros especializados, apostando primeiramente no volume de utilizadores, na centralização dos meios e só depois na capacidade de integração e interoperabilidade de sistemas a nível Nacional.

NOTAS

1. Smith, R. D. (1995). Essential Techniques for Military Modelling & Simulation. Winter Simulation Conference (p. 805). Orlando: STAC Inc.
2. Kneegsspiel foi criado por Von Reisswitz, conselheiro civil de guerra da corte prussiana; o jogo consistia num tabuleiro coberto de areia onde eram manuseados pelos vários jogadores objectos de madeira, que representavam os diferentes tipos de unidades, com regras para movimentações e efeitos do terreno, e os resultados eram determinados pelos jogadores.
3. Macintyre, M. K. (1999). Introduction. In M. K. Macintyre, Analysis in the Utility of Commercial Wargaming Simulation Software for Army (p. 8). Kansas: Fort Leavenworth.
4. «Trata-se de uma interface que simula um ambiente real e permite aos participantes interagirem com o mesmo.» Latta, D. J., & Oberg, J. N. (1994). A conceptual virtual reality model. Computer Graphics & Applications, (pp. 23-29).
5. «São gráficos que têm uma representação tridimensional, sendo guardada a informação no computador e que a processa com fim a realizar cálculos e visualização da imagem tridimensional sofrendo o processo de troca para duas dimensões.» Finney, K. C. (2004). Capítulo 3. In K. C. Finney, 3D Game Programming All in One (pp. 89-90). Boston: Course Technology.
6. Artificial Intelligence (AI) – expressão inglesa para Inteligência Artificial, método ou sistema informático que permite simular as capacidades humanas na resolução de problemas, no raciocínio ou na compreensão.
7. (Tradução) «é a imitação de uma operação de um mundo real, processo ou sistema através do tempo (...). A Simulação é uma metodologia indispensável para a resolução de problemas, para a solução de muitas questões do mundo real, a Simulação é usada para descrever e analisar o comportamento de um sistema, pergunta: - E se...?, sobre o sistema real, e ajuda à construção de um sistema real.» Banks, J. (1998). Handbook of Simulation: Principles, Methodology, Advances, Applications and Practice. Atlanta, Georgia, USA: Engineering & Management Press.

8. Comando de Instrução. (1999). Política de Simulação do Exército. Plano de Instrução Militar, ANEXO E, 1.
9. (Tradução) «a representação de um sistema, entidade, fenómeno, ou processo. Os Modelos de software de entidades específicas são constituídos por algoritmos e dados.» NATO. (1998). NATO Modelling and Simulation Master Plan. AC/323 (SGMS)D/2, versão 1.0, 4. Brussels.
10. A grande preocupação ambiental é um assunto de grande destaque em vários campos de manobras por todo o mundo; o Campo Militar de Santa Margarida não é excepção. (Leitura complementar) MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL. (2003). Candidatura do CSM ao 'Prémio Defesa Nacional e Ambiente 2003. Lisboa: Direcção Geral de Infra-Estruturas.
11. Produtos American Apex Corporation: <http://www.americanapex.com>
12. SITPUL é destinado a treino táctico de atiradores, o simulador de tiro laser é de origem Portuguesa pela parceria do LNETI, EID, INDEP/OGFE e EME.
13. SIMUGUN para o carro de combate N48A5 foi um dispositivo usado pelo Exército Português mas que se encontra actualmente obsoleto e desactualizado não tendo havido actualização.
14. Produtos Lockheed Martin: <http://www.lockheedmartin.com>
15. O Steel Beasts Pro é um programa para um computador comercial que tem sido adaptado às exigências e padrões de instrução e treino militares. Recria os lugares de condutor, apontador e chefe de carro de vários veículos militares num ambiente virtual 3D. Dispõe de várias possibilidades, como as comunicações e o planeamento táctico, permitindo a ligação em rede para exercícios a vários escalões.
16. Esta classificação não se encontra presente no Anexo E - Política de Simulação na Instrução do Exército, do Plano de Instrução Militar, de 1999. Contudo, vários países utilizam-na como critério de classificação dos meios de simulação quanto ao seu tipo de aplicação. A informação foi adaptada do Modelling & Simulation Master Plan do Australian Defense Simulation Office.



Conta Ordenado Mais em Conta

Oferta Especial Protocolos



Ganhe

TANB
%
durante 1 ano

sobre o que poupar mês a mês

A Conta Ordenado Mais em Conta do Santander Totta dá-lhe boas razões para ser a mais em conta. Mais em conta, porque permite-lhe fazer crescer o seu dinheiro, com poupanças mensais até 300€, durante um ano. Assim, ao domiciliar o seu ordenado ganha 10% sobre o que poupar mês a mês. Mais em conta, porque paga 0% de juros durante um ano pela antecipação do seu vencimento. E mais em conta porque ao domiciliar o seu ordenado e utilizar um dos nossos cartões, recebe automaticamente uma excelente oferta: uma máquina fotográfica digital Pentax Optio E50, um iPod Shuffle ou uma máquina de café Delta QM55. Porque temos os nossos clientes mais em conta. Informe-se já!

Santander Totta
O VALOR DAS IDEIAS

www.santandertotta.pt
O BANCO INTERNACIONAL COM MAIS BALCÕES NO MUNDO

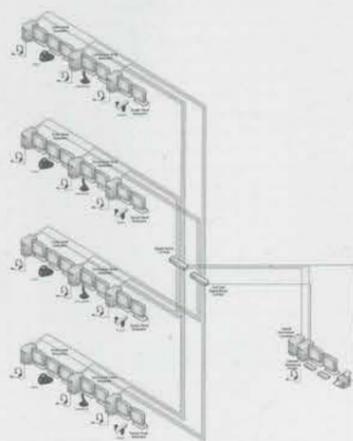
TANB de 10% durante um ano, com juros contínuos a partir da data de constituição inicial da poupança ou dos seus depósitos. Condições válidas apenas para novos domiciliados e constituição de Poupança Ordenado 10% até 31/07/2008. A 1ª domicilição de ordenado/depósito deve ocorrer até 31/07/2008. Conta de rendimento e Poupança, destinada à acumulação de poupança mensais, durante um ano, com montante mínimo de constituição de 20€ e máximo de 300€, com depósitos mensais de valor máximo de 300€. Esta poupança tem um prazo de 365 dias, contados da sua constituição, com emissão automática por todo o período de tempo das condições em vigor na altura, existentes em vigor na data de constituição da poupança. O pagamento da poupança ocorre ao fim de 365 dias, sendo os juros capitalizados, excepto se o Cliente optar pelo seu crédito na conta de Depósitos a Ordem. A mobilização antecipada total ou parcial do saldo é permitida com penalização total de juros. TANB de 0% durante um ano. Condições válidas apenas para novos domiciliados ou ordenado, sendo o período de descoberto calculado em função do ordenado domiciliado e do saldo de recursos, com limite máximo definido de acordo com as condições do produto em vigor, estando sempre sujeito à aprovação do Banco. A 1ª domicilição de ordenado/depósito deve ocorrer até 31/07/2008. Para os anos subsequentes ao período desta campanha ou no caso de domiciliados de descoberto utilizado exclusivamente por Domiciliado de Ordenado e por Saldo de Recursos Salvo em limite definido, aplicar-se-á a taxa de juro para a globalidade do crédito utilizado, em vigor na altura. Posteriormente, em linha com a Super Conta Ordenado são aplicadas as seguintes condições: 12% ao ano se o saldo positivo de recursos for igual ou superior a 5.000€, a partir de ultrapassado uma taxa máxima de 12,22%, em 17 dias ao ano se o saldo positivo de recursos for inferior a 5.000€, a que corresponde uma TANB máxima de 19,61%. Para contas mobilizadas da Super Conta Ordenado, informe-se sobre as condições em vigor. O saldo a descoberto para o cliente novo, constituído de recursos até ao prazo em dívida, só é analisado imediatamente. A taxa de descoberto para o cliente novo é de 365 dias. O período de descoberto deve ser efectuado pelo Cliente até 31 de Julho de 2008, devendo as domicilições de ordenado e a utilização do cartão ou, no caso de já o existir, a domicilição de 2 pagamentos automáticos ocorrerem nos 3 meses subsequentes. O Cliente e o Banco estão de acordo que a entrega do produto constitui a contropartida do cumprimento pelo Cliente das condições de utilização do cartão nos termos referidos no parágrafo anterior pelo prazo de 25 meses. Caso ocorra a domicilição de ordenado, a utilização do cartão ou a domicilição de pagamentos automáticos, antes do decorrer de 25 meses, por causa não imputável ao Banco, o Cliente obriga-se a restituir o valor de 150.000€ (cento e cinquenta mil euros) na proporção do saldo a descoberto. Oferta limitada ao stock existente. A qualidade do seu dinheiro e a sua garantia são da responsabilidade exclusiva dos fornecedores.

Simulador VBR PANDUR II 8x8 PCAN 30mm

O simulador da VBR PANDUR II que o nosso Exército irá receber está desenhado para operar com 4 viaturas simuladas da versão Porta Canhão 30mm. Cada uma das guarnições de simulação é composta pelo chefe de viatura, o condutor e o apontador – o municiamento é automático e os 4 atiradores que são transportados na retaguarda não têm qualquer tipo de treino simulado. Além destas estações existe ainda a consola do instrutor, a partir da qual este controla e monitoriza toda a simulação. Todo o simulador assenta em Hardware e Software, interligado entre si, especialmente configurado para este novo simulador que permite, além da simulação de combate, a simulação das comunicações que foram configuradas de acordo com as características e possibilidades dos equipamentos rádio destas viaturas.

A instalação do simulador é relativamente complexa devido à necessidade da instalação e gestão de diversas licenças de run-time. Assim sendo, o sistema será entregue ao Exército Português já todo instalado. Serão igualmente entregues ao Exército Português o DVD de recuperação para o caso de haver uma falha em qualquer um

dos computadores que compõem o sistema.



1. CONSOLA DO INSTRUTOR

Esta consola é composta por:

Descrição	Quantidade
Computador T5400 Intel 2.83 GHz 1333MHz 2x6MBQuad core	2
4 GB DDR2 667 FBD memory	1
160 GB 10K RPM sata II hard dirve	1
Intel Pro 1000MT Dual port network card	2
16x DVD +/- RW	1
512 MB PCI Nvidia FX 1700	1
Monitor 1907FPv	2
Rato óptico Black 5 button USB	1
Teclado português Dell USB	1
Ligação de energia 6224	2
Impressora Dell Color Laser Printer 5110cn	1

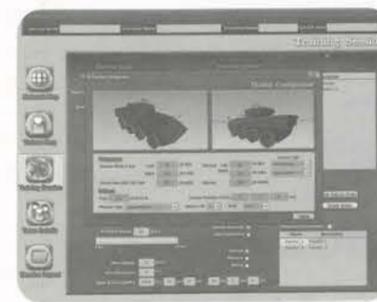
O Posto do Instrutor tem por objectivo definir os exercícios e controlar a sua execução. A sua funcionalidade foi concebida de modo a executar as principais acções de forma procedimental, havendo a possibilidade de imprimir os resultados da simulação no final do exercício.

Este posto permite as seguintes acções:

- Gestão dos computadores;
- Gestão dos alunos;
- Preparar e controlar um exercício;
- Configurar as condições ambientes e o estado do exercício;
- Analisar em tempo-real os resultados da simulação;
- Comunicação com os alunos em ambiente simulado ou real;
- Colocação de falhas nas viaturas participantes.

O simulador permite simular as seguintes viaturas/aeronaves:

- PANDUR 8X8 SP30/A
- PANDUR 8X8 ICV 12.7 MG
- PANDUR MORTEIRO
- Leopard 2A6
- T-72
- BTR-80 APC
- UH-60 Black Hawk
- MI-24 Hind
- F16-A
- C-130
- MIG-29

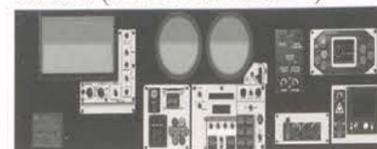


A evolução da simulação desde que é configurada e iniciada, até ao seu fim é controlada através deste posto e nunca por um dos participantes.

2. POSTO DO CHEFE DE VIATURA

O Chefe de Viatura possui três monitores TFT de 19", cada um com uma resolução de 1280x1024 px a 60Hz. Possui ainda um rato e um joystick que lhe permitem controlar os diversos sistemas à sua disposição. Nestes sistemas está incluído o GPS (Sistema de Localização Global), a caixa de intercomunicação e todos os restantes sistemas que operam a torre e que estão à sua disposição na viatura. Um dos monitores é comum ao apontador, um monitor do tipo *Touchscreen*.

O chefe de viatura consegue assim ter acesso visual ao terreno que o rodeia apenas utilizando as imagens da câmara térmica, do corpo diurno e do corpo nocturno. Isto significa que, negativamente, terá de apontar o canhão se quiser varrer o seu campo visual. Faltam a visualização dos periscópios e externa (através da escotilha).



3. POSTO DO APONTADOR

O posto do apontador é semelhante ao do chefe de viatura. Possui também três monitores de 19" (um monitor comum aos dois elementos). Este factor retira algum realismo ao simulador pois na realidade o apontador e o chefe de viatura não estão tão próximos e não conseguem ter acesso visual tão directo (visto que existe uma área livre entre os dois, resultante do recuo do canhão).

É também equipado com um rato que lhe permite controlar todos os comandos que lhe surgem à disposição nos monitores e um punho, bastante idêntico ao da viatura. Este punho é seguro à mesa e permite disparar, telemetrar, rodar a torre e executar o ATT (sistema de seguimento automático do alvo).



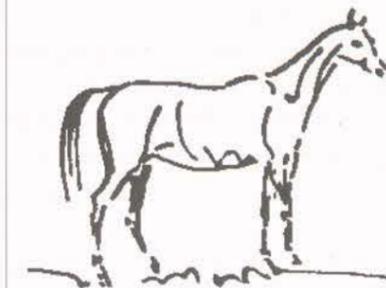
4. POSTO DO CONDUTOR



Neste posto o condutor tem acesso visual aos três periscópios que lhe permitem ter visão do espaço à sua frente. Mais uma vez, tal como o chefe de viatura, o condutor apenas pode simular a condução dentro da viatura, utilizando os periscópios. Tem para utilização um volante e dois pedais (travão de serviço e acelerador) para simular a condução.

Os equipamentos e indicadores que tem depois à sua disposição para operar nos monitores são utilizados através do rato. Estes equipamentos estão dispostos aproximadamente como na viatura: mais à esquerda o painel de instrumentos, bem como ao centro, e mais à direita as alavancas da caixa de transmissão automática, de transferência e do travão de parque.

Tal como todos os elementos da simulação, também o condutor está equipado com *headphones* que lhe permite comunicar com a guarnição e para o exterior da viatura, se assim forem configuradas as suas comunicações.



Simulação para guarnições de CC LEOPARD 2 A6 no Exército Espanhol

1. INTRODUÇÃO

a. Este artigo resulta do relatório da visita efectuada, entre 02FEV09 e 05FEV09, à Brigada Mecanizada XI (BRIMZ "EXTRE-MADURA" XI) em Botoa-Badajoz, à Brigada Blindada XII (BRIAC "GUADARRAMA" XII) em Madrid, à Empresa INDRA, também, em Madrid e ao Centro de Instrucción y Adiestramiento de Unidades Acorazadas (CIUACO) em Saragoça. A delegação portuguesa foi composta pelo TCor Cav Pereira Zagalo – EPC, TCor Cav Jorge Pedro – GCC/BrigMec, TCor Inf Carmo Matos – CID, Maj Cav Alves de Sousa – DivRec/EME e Cap Mat Rodrigues Figueiredo – EPS;

b. De forma a enquadrar o observado importa referir os seguintes considerandos:

(1) No Exército Espanhol os Carros Combate fazem parte da organização, quer das Unidades de Infantaria quer das Unidades de Cavalaria;

- (2) As Unidades que integram os CC Leopard2E (o CC equivalente ao nosso Leopard2A6) estão equipadas com a Viatura de Combate de Infantaria (VCI) PIZARRO de fabrico espanhol;
- (3) O Regimento constitui-se numa entidade territorial na qual está inserida a estrutura operacional.
- (4) Os Regimentos de CC, das Brigadas de Infantaria, possuem dois Grupos de Carros a 44 Carros cada;
- (5) Em termos de simulação existe uma Unidade de Simulação, orgânica do Regimento, constituída por 4 graduados (1 Capitão e 3 Sargentos com o curso de Master Gunner). Esta Unidade é reforçada por elementos da componente operacional em função das necessidades.

2. SIMULADORES/AUXILIARES DE INSTRUÇÃO

a. Aulas Assistidas por Computador (Computer Based Training (CBT))

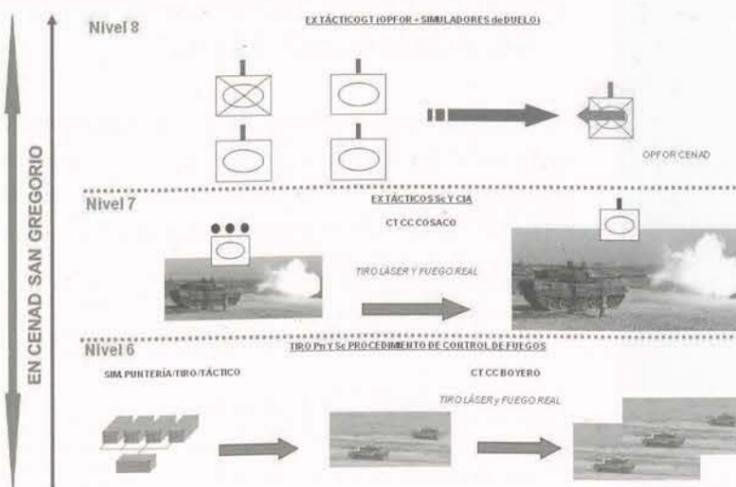
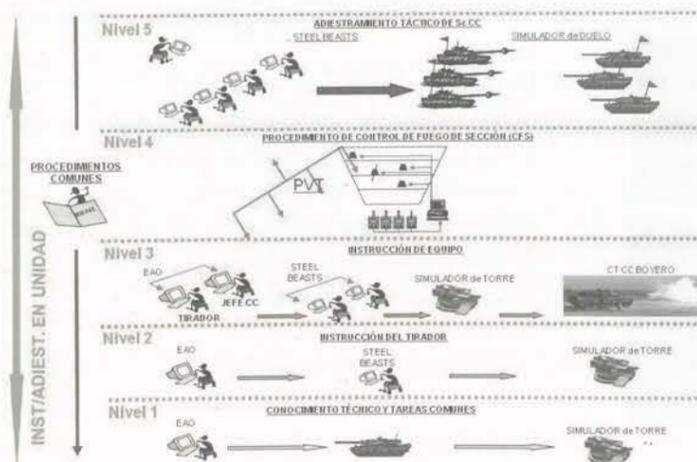
(1) Descrição – este software baseia-se na adaptação dos manuais, em papel, para uma plata-

forma informática interactiva. Com este software é possível programar as aulas a ministrar bem como a respectiva avaliação. Cada nível de aprendizagem só é "ultrapassado" após a consulta de toda a informação disponível e após a realização da avaliação. O uso do CBT constitui uma mais valia permitindo não só o estudo acompanhado como o auto-estudo possibilitando ainda a preparação prévia dos formandos para os cursos a frequentar bem como a revisão de determinado procedimento esquecido;

- (2) Total existente – 20;
- (3) Distribuição – 1 por Esquadrão;
- (4) Custo unitário – 300.000 €.

b. Simulador estático de condução

- (1) Descrição – este sistema serve basicamente para formação inicial de condutores permitindo que os formandos observem as explicações do instrutor sobre os diversos dispositivos do compartimento de condução;
- (2) Total existente – 9;
- (3) Distribuição – CIUACO – 3; BRIAC XII – 3, RCLAC 14 – 1; BRIMZ X – 1; BRIMZ XI – 1;
- (4) Custo unitário (aproximado) – 350.000 €.



c. Simulador dinâmico de procedimentos tipo "Driving Simulator"

- (1) Descrição – sistema que se aproxima muito das máquinas de jogos dinâmicas existentes nos parques de diversões. É utilizado exclusivamente para a formação e treino de todos os procedimentos de condução do CC permitindo a visualização de cenários virtuais, a criação das sensações de movimento que se vivem no compartimento de condução e geração de avarias no CC;
- (2) Total existente – 1;
- (3) Distribuição – CIUACO;
- (4) Custo unitário (aproximado) – 4,9 M€.

d. Simulador dinâmico de procedimentos e técnica do compartimento de combate tipo "Turret Trainer"

- (1) Descrição – consiste numa torre aberta para instrução de todos os elementos do compartimento de combate (Chefe de CC, Apontador e Municionador). Com este simulador pode-se treinar todo o tipo de procedimentos como o carregamento, a pontaria, o tiro e o movimento táctico inserido num Pelotão de CC. Acoplada à torre de instrução existe uma consola de instrutor que permite a visualização e o acompanhamento de todas as acti-

vidades da guarnição bem como a realização da programação da sessão com a introdução de diferentes níveis de dificuldade;

- (2) Total existente – 9;
- (3) Distribuição – CIUACO – 4; BRIAC XII – 2, RCLAC 12 – 1; BRIMZ X – 1; BRIMZ XI – 1;
- (4) Custo unitário (aproximado) – 4 M€.

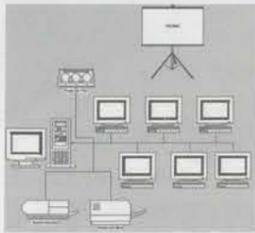
e. Simulador estático de procedimentos, técnica e táctica tipo "Combat Simulator" (Simulador de Punteria/Tiro y Táctico)

- (1) Descrição – conjunto formado por 5 contentores: 4 que simulam os CC e um para controlo da instrução. Este sistema de simulação permite o treino integrado, técnico e táctico, de um Pelotão CC possibilitando o acompanhamento das acções realizadas pelos restantes elementos do Esquadrão;
- (2) Total existente – 1;
- (3) Distribuição – CIUACO;
- (4) Custo unitário (aproximado) – 20 M€.

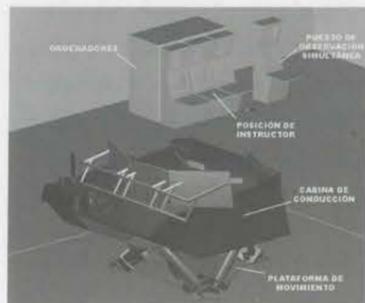
f. Equipamento táctico tipo MILES - DUELO

- (1) Descrição – Permite a realização de exercícios utilizando elementos de duas unidades diferentes. O seu emprego permite aos elementos envolvidos viverem condições de combate muito próximas das reais excepto no que diz respeito ao tiro real;
- (2) Total existente – 85;
- (3) Distribuição – 16 por Grupo
- (4) Custo unitário (aproximado) – 95.000 €.

AULAS ASSISTIDAS POR COMPUTADOR



SIMULADOR DINAMICO DE PROCEDIMENTOS DE CONDUÇÃO



SIMULADOR DINAMICO DE PROCEDIMENTOS E TÉCNICA DO COMPARTIMENTO DE COMBATE



SIMULADOR ESTÁTICO DE CONDUÇÃO



g. Simulador táctico e de procedimentos Steel Beasts

- (1) Descrição – programa informático que permite o treino táctico de unidades de Carros de Combate. A sua utilização está vocacionada para o treino dos Comandantes, no entanto, aos baixos escalões, permite treinar os procedimentos de tiro dos Chefes de Carro e dos Apontadores;
- (2) Total existente – desconhecido;
- (3) Distribuição – 1 por Grupo;
- (4) Custo unitário (aproximado) – Não referido, por se tratar de um sistema apoiado em “computadores normais”.

3. INTEGRAÇÃO DOS SIMULADORES NA FORMAÇÃO/TREINO

O processo integrado de formação e treino operacional decorre de modo conjunto e contínuo nas unidades e no CIUACO, compreendendo 8 níveis. Os níveis de 1 a 5 são da responsabilidade da unidade e os níveis 6 a 8 do CIUACO:

a. Nível 1 (Conhecimento técnico e tarefas comuns)

- (1) Aulas Assistidas por Computador (CBT);
- (2) Adaptação ao CC Leopard;
- (3) Simulador de torre.

b. Nível 2 (Instrução de Apontador)

- (1) CBT;
- (2) Simulador Steel Beasts;
- (3) Simulador de torre.

c. Nível 3 (Instrução de Guarnição)

- (1) CBT;
- (2) Simulador Steel Beasts;
- (3) Simulador de torre;
- (4) Tiro Real (15 tiros/ano/apontador; 6 tiros para reciclagem/manutenção).

d. Nível 4 (Procedimentos de controlo de fogo de Pelotão)

- (1) Tiro Real de escalão Pelotão.

e. Nível 5 (Treino Táctico de Pelotão)

- (1) Simulador Steel Beasts;
- (2) Equipamento táctico tipo Multiple Integrated Laser Engagement System (MILES) - DUELO.

f. Nível 6 (Treino de Secção e Pelotão – Procedimentos de controlo de fogo)

- (1) Simulador estático de procedimentos, técnica e táctica tipo “Combat Simulator” (Simulador de Puntería/Tiro y Táctico);
- (2) Equipamento táctico tipo MILES - DUELO;
- (3) Tiro Real.

g. Nível 7 (Treino Táctico de Pelotão e Companhia)

- (1) Equipamento táctico tipo MILES - DUELO;
- (2) Tiro Real.

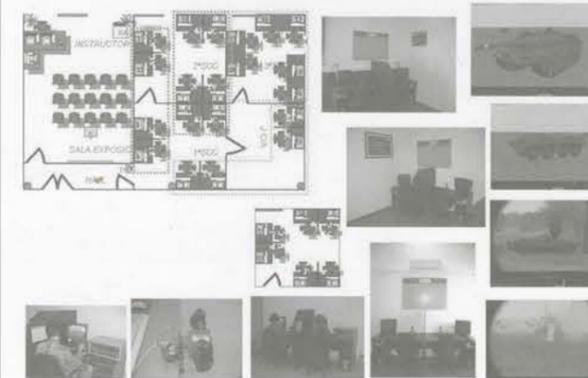
h. Nível 8 (Treino Táctico de Agrupamento)

- Equipamento táctico tipo MILES – DUELO.

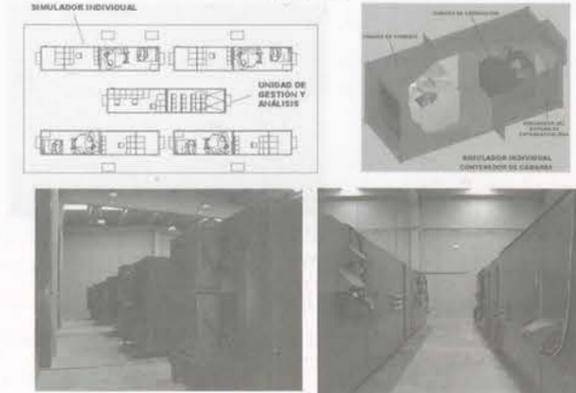
4. CONCLUSÕES

- a. Os equipamentos de simulação são sem sombra de dúvida um equipamento essencial para a formação e para o treino individual e colectivo sendo usados até ao escalão Companhia.
- b. A política de formação do Exército Espanhol preconiza que cerca de 70% do tempo total de formação seja com recurso a simuladores;
- c. A complementaridade dos meios de simulação é considerada uma mais valia na formação e treino operacional, já que permite a utilização do meio mais adequado ao nível de conhecimentos do formando, maximizando assim os recursos disponíveis;
- d. Atendendo ao elevado grau de especialização requerido aos formadores que utilizam meios de simulação, e ao facto dos simuladores serem artigos críticos, afigura-se que estes devem ser operados por pessoal especializado dedicado em exclusividade;
- e. A estrutura de simulação não estando dependente da componente operacional possibilita a esta, uma dedicação às tarefas operacionais, libertando-a deste encargo;
- f. De acordo com as informações recolhidas nas Brigadas e no CIUACO, a possibilidade de utilização dos meios de simulação do Exército Espanhol não se afigura viável, de acordo com o calendário de ocupação dos meios.

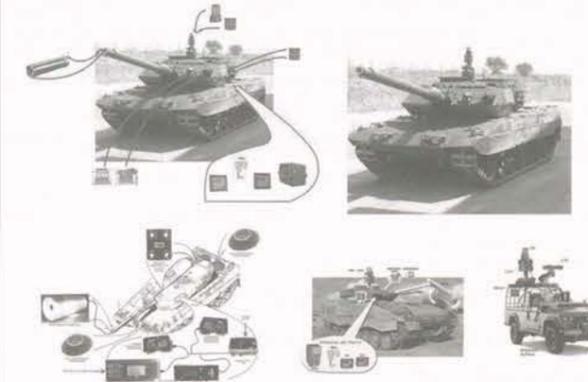
SIMULADOR TÁCTICO E DE PROCEDIMENTOS STEEL BEASTS



SIMULADOR ESTÁTICO DE PROCEDIMENTOS, TÉCNICA E TÁCTICA



EQUIPAMENTO TÁCTICO TIPO “MILES” – DUELO



Porquê Carros de Combate no Reconhecimento?

1. INTRODUÇÃO

Numa altura em que o Exército português assiste à chegada de um novo carro de combate, o CC Leopard 2 A6, motiva alguma discussão se este sistema de armas deve ter lugar na organização do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada Mecanizada, (ERec/BrigMec), única Unidade Blindada Pesada de Reconhecimento do nosso Exército, ou, pelo contrário, se à semelhança de outros Exércitos, este tipo de unidade deve abdicar destes meios em detrimento de outros mais ligeiros.

Parto do princípio, para a elaboração do artigo, que o ERec/BrigMec, prepara-se, de acordo com a natureza da força, para toda a tipologia de Operações no espectro das operações militares, ou seja, está preparado para conduzir operações em alta intensidade, se tal for necessário.

Assim, para enquadrar esta questão abordarei em primeiro lugar a organização das Unidades Blindadas Pesadas de Reconhecimento do Exército dos EUA desde a II Guerra Mundial, porque é a doutrina que nos serviu de referência e porque se trata de um

país com diversas experiências no emprego destas unidades em conflitos em alta intensidade extraindo daí diversas lições. Em segundo lugar, analisarei a evolução dos ERec no Exército Português, sendo o âmbito do artigo restrito ao emprego do CC ao nível dos Esquadrões.

Não irei abordar a organização deste tipo de Unidades nos principais exércitos Ocidentais, porque talvez à excepção do Exército Inglês, nenhum outro empregou unidades blindadas em conflitos de alta intensidade desde a II Guerra Mundial, mas apenas em operações de média ou baixa intensidade o que não permite retirar lições acerca do emprego dos ERec em cenários de alta intensidade.

2. O PARADOXO DO RECONHECIMENTO

Existem duas discussões que, embora antigas, têm acompanhado de forma quase permanente a evolução das Unidades de Cavalaria. Os debates são sobre qual o tipo de viaturas que as devem equipar, se rodas ou lagartas, e se as unidades de reconhecimento devem ser de características ligeiras ou pesadas¹.

Desde 1914 que a controvérsia entre forças ligeiras e pesadas tem dominado os assuntos de organização e emprego das forças de reconhecimento. Nos sucessivos conflitos em que o Exército Americano participou, bem como nos inúmeros exercícios realizados no NTC², verificou-se que as Unidades blindadas pesadas de reconhecimento são geralmente mal empregues, o que tem tido como consequência torná-las mais ligeiras. Sendo empregues Unidades mais ligeiras, geralmente manifestam dificuldades de sobrevivência no campo de batalha, havendo então necessidade de lhes proporcionar maior protecção, regressando desta forma ao modelo de Unidades Blindadas Pesadas. Cria-se assim um ciclo que tem sido mantido desperto desde a II GM, reconhecido por alguns autores como o paradoxo do reconhecimento (McGrath, 2008: 199).

3. ENQUADRAMENTO. O CASO DOS EUA

1945-1958. Divisão Infantaria. Divisão Blindada. Regimento de Cavalaria Blindado

Durante o período de 1945 a 1958 as forças de reconhecimento existentes na estrutura do Exército



Americano eram de um Batalhão de Reconhecimento nas Divisões Blindadas³, uma Companhia de Reconhecimento nas Divisões de Infantaria e o Regimento de Reconhecimento Blindado⁴ ao nível Corpo de Exército.

A partir de 1947, o Batalhão de Reconhecimento da Divisão Blindada (BRDB), de acordo com as lições aprendidas durante a II Guerra Mundial, passou a estar organizado a quatro ERec, com a particularidade dos Pelotões de Reconhecimento (PelRec) serem unidades de armas combinadas (Fig. 1). A orgânica BRDB

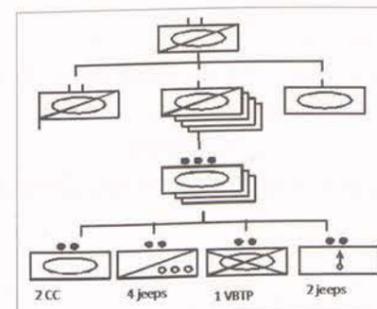


Fig. 1 - Batalhão Reconhecimento da Divisão Blindada, 1948

permaneceu sem alterações significativas até 1958. Durante um curto período de tempo, adoptou-se uma organização em que era ao nível Esquadrão que se articulava em armas combinadas, sendo os Pelotões puros⁵.

No caso da Divisão de Infantaria, a força de reconhecimento era de escalão companhia. Apesar de recomendações feitas para o escalão da força de reconhecimento passar de unidade escalão Companhia para Batalhão, como acontecia na Divisão Blindada, tal não se veio a verificar. A Companhia de Reconhecimento tinha a mesma organização que as Companhias do BRDB.

Em 1948, com o início da Guerra-fria, reactivaram-se quatro formações de reconhecimento: os Regimentos Blindados de Cavalaria (RBC). Os RBC são empregues inicialmente ao nível Exército e, posteriormente de Corpo Exército (Fig. 2). As futuras reestruturações,

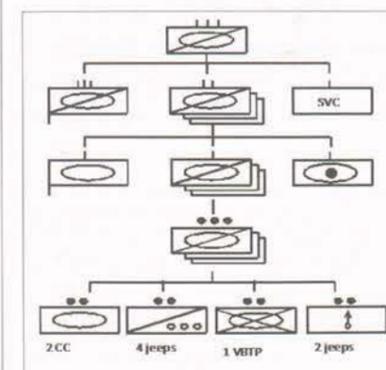


Fig. 2 - Regimento Blindado Cavalaria, 1948

nomeadamente as Pentagonal⁶ e ROAD⁷, não alteraram a organização dos RBC.

Em 1958 ocorre nova reestruturação, a organização Pentagonal. A organização da Divisão de Infantaria foi alterada, tendo como uma das consequências o aumento do escalão da força de reconhecimento, de Esquadrão para Grupo⁸. Os ERec surgem como unidades de armas combinadas ao nível Esquadrão, sendo os pelotões constituídos por sistemas de armas semelhantes

o espectro, contíguo ou não contíguo, em operações lineares ou não lineares. O GRec tem capacidade para combate próximo e pode combater pela obtenção de informações contra forças In ligeiras ou motorizadas. Não está organizado, equipado ou treinado para conduzir reconhecimento em força contra forças blindadas In. Isso é tarefa dos Batalhões de Manobra...”.

A estrutura “Exército Modular” foi empregue nos Teatros de Operações do Iraque e do Afeganistão desde 2005. Em 2007, em alteração ao planeado, foi decidido manter o 3ºRBC permanecendo como única Unidade deste tipo. Os GRec tem cumprido fundamentalmente missões de Infantaria, o que não permitiu retirar lições das alterações introduzidas.

4. ENQUADRAMENTO. CASO PORTUGUÊS

Em 1937 inicia-se uma organização no Exército¹⁶, constituindo em tempo de Paz, Unidades de Linha e Unidades de Fronteira. Na Arma de Cavalaria os regimentos são reduzidos de nove para sete, mas em contrapartida é criado um regimento motorizado. O RC7, aquartelado em Lisboa, foi o Regimento de Cavalaria transformado em Motorizado,

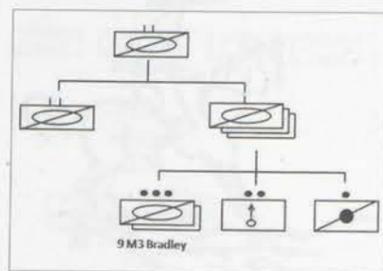


Fig. 8 - RSTA Squadron, 2004

tendo mais tarde, em 1942, sido o primeiro a receber os primeiros CC, os CC Valentine MK II. Com a chegada de mais CC foi possível organizar mais um Regimento de Cavalaria Motorizado, cabendo a tarefa de aprontamento ao RC 3, aquartelado em Estremoz. Com a chegada dos CC Centauro a partir de 1945, foi alterada novamente a organização das Unidades de Cavalaria. Assim, em 1947, nova portaria publicada em Ordem do Exército determinava a constituição de três Regimentos blindados: o RC7, RC3 e o RC4.

A cada Divisão era atribuído um Esquadrão de Reconhecimento, constituído por 3 Pelotões de Reconhecimento¹⁷ (Fig. 9). O Pelotão de Reconhecimento tinha organicamente um escalão de exploração (duas patrulhas de 2 Auto Metralhadoras) e um escalão de apoio (uma viatura ligeira de combate, um canhão automotor, duas viaturas porta morteiros e uma viaturas de segurança com o pessoal de reforço).

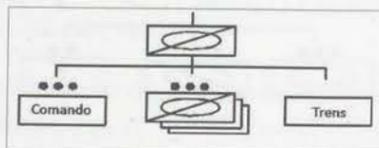


Fig. 9 - Esquadrão de Reconhecimento, 1947

Em 1949, Portugal adere à Organização do Tratado do Atlântico Norte tendo-se tornado um dos países fundadores. Portugal assumiu desde logo o compromisso de participar com forças terrestres na sua defesa. Esta situação conduz à formação, em 1953, da organização de uma Divisão de Infantaria, que foi inicialmente designada 1ª Divisão do Corpo Expedicionário Português¹⁸.

Em 1952 chegam a Portugal os primeiros CC provenientes do exército americano, os CC M47 “Patton” e M24 “Chaffee”. Os CCM47 tiveram como destino o RC8 (Castelo Branco) para constituição de 3 Esquadrões de Carros de Combate (ECC) e para o RC4 (Santarém) para formação de outros 3 ECC que constituíam o Grupo Divisionário Carros de Combate (GDCC), com destino à 1ª Divisão. Os CC M24 foram destinados à formação do ERec e do PelRec/ GDCC.

Em 1954 foi determinado que a responsabilidade de preparação do Esquadrão de Reconhecimento da 2ª Divisão transitasse do RC5 para o RC8, ficando esta Unidade com a responsabilidade de preparar além deste Esquadrão, um GDCC. A missão do Esquadrão era de garantir segurança e o reconhecimento em proveito da Unidade a que pertence (neste caso a uma Divisão)¹⁹.

Desde a motorização/ mecanização da Arma de Cavalaria, esta adoptou, com maior ou menor fidelidade, a doutrina táctica americana. Assim, em 1956 havia um conjunto de regulamentos

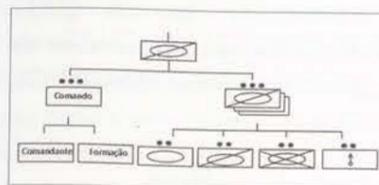


Fig. 10 - Esquadrão de Reconhecimento, 1954..

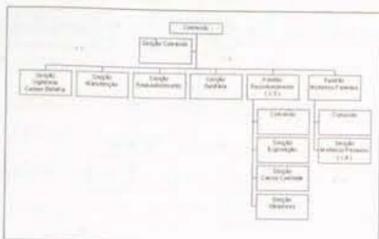


Fig. 11 - Esquadrão de Reconhecimento, 1976.

que estatuíam a doutrina de emprego e organização das unidades de cavalaria²⁰.

Face à desactualização das estruturas orgânicas da 3ª Divisão, decorrentes do esforço da Guerra orientado para o Ultramar, foram iniciados em 1969 os estudos para a substituição da contribuição portuguesa para a OTAN.

Em 1976 o Regimento de Cavalaria de Santa Margarida recebe os primeiros CC M48A5. O Regimento procede à sua organização com duas finalidades: a constituição de um ECC M48A5 e um ERec para a 1ª Brigada Mista Independente.

A orgânica do ERec era idêntica à organização americana de 1976 e 1977²¹, e a doutrina seguida foi o ME 21303/ IAEM que consistia numa tradução do FM 17-95/ USA²².

Em 1994 chegam a Portugal os CC M60A3TTS que vêm substituir

os M48A5. Constituiu um salto tecnológico, pois este sistema de armas permitia fazer tiro em movimento graças à estabilização da peça. Dispunha de câmara térmica que permite combater em situações adversas, entre muitas outras vantagens. Estas evoluções tecnológicas permitiram reduzir o número de CC nas SecCC, passando de 3 para 2 CC.

Em 1999, Portugal decidiu enviar uma Unidade para o Teatro de Operações do Kosovo. O Agr BRAVO, sob o comando do TCor Cav Calçada, teve a particularidade de durante dois meses, ter sob Controlo Táctico um Esquadrão de Carros de Combate do Exército Italiano (ECC/ IT). Ao Esquadrão de Lanceiros, sob o comando do então Cap Cav Loureiro, foram atribuídos dois Pel CC/IT equipados com CC Leopard 1 A5, passando o Esquadrão a organizar-se para

algumas missões, na prática, com Pelotões Blindados de Reconhecimento²³. As principais lições aprendidas, resultantes das operações, referem-se ao benéfico emprego dos CC em postos de controlo (PC) sobretudo por períodos relativamente longos, e em missões de segurança a pontos sensíveis²⁴, donde se retirava vantagem de todos os aparelhos de visão nocturna que permitiam manter uma vigilância eficaz durante a noite. Nas operações em que o elemento de surpresa geralmente pertence ao adversário, é moralizador para a força possuir meios com as capacidades conferidas pelo CC, nomeadamente a protecção e poder de choque. Logicamente, são meios dispendiosos, quer em consumos quer em manutenção, mas através de uma utilização criteriosa obtém-se excelentes resultados. Assim, no Esquadrão, os patrulhamentos e

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUA DE MAFRA, Crl.

MOTOR DE DESENVOLVIMENTO DO CONCELHO

5 Balcões:

- Mafra
- Azueira
- Encarnação
- Póvoa da Galega
- Malveira

Site: www.ccamafra.pt
 Email: ccam.mafra@mail.telepac.pt

postos de controlo móveis eram executados por viaturas ligeiras, enquanto os PC mais longos e a segurança de pontos sensíveis eram executados por um CC e um M113, e por quatro M113 e 2 CC, respectivamente.

O CC como meios ISR²⁵

O conceito ISTAR é definido pela aquisição coordenada, processamento e difusão oportuna, de informação e informações precisas, relevantes e seguras que apoiam o planeamento e a conduta das operações, o ataque a objectivos (targeting) e a integração de efeitos, habilitando o Cmta a atingir os seus objectivos operacionais através do espectro do conflito. É um "Sistema de Sistemas" que obtém sinergia ao integrar os meios ou sensores de Vigilância, Reconhecimento e Aquisição de Objectivos juntamente com o processo de Informações através da metodologia da coordenação centralizada; Proporciona notícias e informações para responder ao CCIR (Commanders Critical Information Requirements)²⁶ e aos PIR (Priority Intelligence Requirements). A única forma de garantir informação oportuna aos diversos níveis é maximizar a utilização de tecnologia, tais como meios de transmissões, sistemas de visão nocturna, UAV, sensores, etc.

O reconhecimento é por sua vez, toda a missão realizada com o fim de se obterem, por observação visual ou qualquer outro método, informação sobre o In, terreno, condições meteorológicas, população e outras características da AOp.²⁷ O reconhecimento terrestre engloba

diversas modalidades, entre as quais o reconhecimento pelo combate. Esta modalidade implica por vezes que se recorra ao combate para se obter as notícias pretendidas.

As unidades de reconhecimento enquadram-se espacialmente no Campo Batalha no combate próximo. O CC como sistema de armas engloba um conjunto de tecnologias que permitem adquirir e identificar ameaças e/ou actividades e rapidamente difundir a informação. O CC Leopard 2A6 dispõe de sistemas de pontaria e observação independentes, para chefe de carro e apontador, que incluem a valência de observação nocturna ou em situações de visibilidade reduzida. Permitem ampliações do campo de batalha que vão até às doze vezes, incrementando o alcance da observação. Associado aos meios de comunicação podem ser dotados com sistemas de referência da força e de transmissão de dados e localizações, conferindo ao Cmta uma informação quase em tempo real da sua actividade e posição, bem como do resultado da sua observação.

5. CONCLUSÃO

Considero que as unidades blindadas de reconhecimento, em particular o ERec/BrigMec, única unidade com estas características do Exército Português, deve continuar a manter uma organização com Pelotões de armas combinadas e com a Sec CC a dois CC.

No exemplo do Exército Americano, a reestruturação Exército Modular, que se encontra

em fase de implementação, retirou os CC dos ERec. A doutrina associada a esta organização coloca ênfase na capacidade tecnológica como forma de obter informações, o que em princípio tornará desnecessário, às unidades, combater pela informação. Se no entanto, tal for necessário, o empenhamento será contra forças ligeiras e em condições muito favoráveis devido à reduzida protecção e poder de fogo. Além da introdução de meios tecnológicos, foram retiradas missões às Unidades de Reconhecimento, que agora cumprem essencialmente operações de vigilância e de reconhecimento (mas não de reconhecimento em força). O que começa a ser um facto na realidade do Exército Americano é que apesar dos incomparáveis meios tecnológicos que as unidades possuem, não se tornou evidente que tais meios estejam à altura de substituir o poder de fogo, mobilidade e protecção, tendo em conta que as forças de reconhecimento continuam a ter de se empenhar para obter informações. De acordo com alguns estudos, será necessária novamente a reintrodução do CC para garantir a capacidade de conduzir operações de segurança à Brigada Pesada.

Em segundo lugar, tem-se vindo a associar o conceito ISTAR a unidades ligeiras, colocando à margem unidades blindadas de reconhecimento.

Face à imprevisibilidade dos cenários actuais, a tecnologia é importante, mas só por si não garante a capacidade de obter informações em tempo adequado e nas mais diversas circunstâncias, havendo necessidade de ter forças capazes de combater pela

informação, se tal for necessário, de forma a proporcionar informações. O CC constitui um importante meio de ISR, sendo ainda mais relevante se esse meio for empregue bem na frente, por forma a tirar o máximo rendimento dos aparelhos de visão e câmaras térmicas, possibilitando obter informações e rapidamente proceder à sua transmissão com vista a auxiliar o processo de decisão. As unidades blindadas pesadas de reconhecimento não são ultrapassadas pela introdução do novo conceito, sendo que são capazes de garantir informações, independentemente das superiores capacidades tecnológicas em meios de vigilância que a força disponha.

Em terceiro lugar no nosso exército a organização das unidades de reconhecimento foi sempre constituída por pelotões de armas combinadas. As lições aprendidas, decorrentes do emprego desta organização nos mais diversos cenários, apontam para a sua manutenção, em virtude de já haver uma escola da aplicação da doutrina e da organização.

Em último lugar, o CC Leopard 2A6 constitui de facto um desafio para o Exército Português, e em particular para a Cavalaria. Apesar de não ter conhecimento da existência de CC Leopard 2A6 em unidades de reconhecimento e de julgar ser este o facto que motiva a discussão quanto à introdução do CC no ERec, considero que o CC Leopard 2A6 é semelhante, em termos gerais, ao CC M1A2, que no Exército Americano serviu nos ERec, e que muitos já discutem que nunca devia ter sido retirado. Este CC acresce capacidades aos PelRec, quando comparado com o

CC M60A3TTS, nomeadamente, em meios de vigilância o que proporciona vigiar maiores distâncias, em poder de fogo, o que permite bater o adversário a superiores alcances e, em mobilidade, o que equivale no mínimo a dotá-lo de mobilidade idêntica às restantes unidades de manobra da Brigada (sendo os Agr equipados com M113 e CC Leopard 2A6), não sendo adequado passar a unidade de reconhecimento a ter mobilidade,

inferior aos Agr, caso permaneça equipado com CC M60A3 TTS. De uma forma resumida permite manter a capacidade de combater pela informação, se tal for necessário e se os outros meios não obtiverem sucesso, permite a flexibilidade necessária para, em situações imprevistas, poder esclarecer a situação através do fogo e movimento permitindo ainda acrescentar capacidades de vigilância e aquisição de objectivos no combate próximo.

NOTAS

1. Neste artigo entende-se por Unidade Blindada Pesada, uma unidade equipada com viaturas de lagartas (Viaturas Blindadas Combate de Infantaria, de Transporte Pessoal e/ou Carros de Combate).
2. National Training Center/USA.
3. The Armored Division Reconnaissance Battalion.
4. Armored Reconnaissance Regiment.
5. Entende-se por Pelotões puros, aqueles equipados com mesmos sistemas de armas, por exemplo, PelCC, PelRec, PelAt.
6. Pentomic Organization.
7. Reorganization Objective Army Division.
8. A denominação entretanto foi alterada de Companhia e Batalhão para Esquadrão e Grupo, respectivamente.
9. Armored Cavalry Group.
10. Army of Excellence.
11. Embora o conceito fosse AGS, nunca chegaria a equipar essa organização, adoptando-se o HMMWV com SLMTOW.
12. Striker Brigade.
13. Long Range Advance Scout Surveillance System (LRAS3s).
14. Lightweight Laser Designator Rangefinder (LLDR) System.
15. FM 3-90-26 HBCT Reconnaissance Squadron.
16. Ordem do Exército nº9, I série de 13 de Outubro de 1937.
17. Manual Instruções Provisórias para o emprego de Unidades Blindadas de 1947.
18. Em 1954 passou a designar-se 2ª Divisão e em 1955 para 3ª Divisão.
19. QOM 4, aprovado em 01 de Agosto de 1954.
20. Semana da Arma da cavalaria, 1986.
21. Conforme consta da publicação NC 21301/IAEM.
22. Manual de de 01JUL1977.
23. Cada Pelotão com 4 VBTP M113 e 2 CC.
24. Como por exemplo na segurança ao Mosteiro de Budisavci.
25. Intelligence, Surveillance and Reconnaissance.
26. Informação retirada das aulas de doutrina Operações/IESM. RC Op, pag 12-37.
27. <http://www.comw.org/pda/fulltext/0704macgregor.pdf>, pag2.
28. STEWART III, MAJOR George A, The Last Cavalry Regiment: The Corps Commander's Requirement, For The 3d ACR.

BIBLIOGRAFIA

- McGRATH, Scouts Out, 2008
- CLANCY Tom, Into the Storm, Berkeley Books, New York, 2004
- CLANCY Tom, a Guided Tour of an Armored Cavalry Regiment, Berkeley Books, New York, 1994
- Armor in Vietnam, Revista ARMOR, Mar-Abr 2007
- <http://www.stormingmedia.us/31/3167/A316734.html>
- The Transformation of Reconnaissance: Who Will Fight for Information on the Future Battlefield
- <http://etd.lib.fsu.edu/theses/available/etd-03302004-164302/unrestricted/Introduction.pdf> "Men on Iron Ponies: The Death and Rebirth of the Modern U.S. Cavalry."
- FM 3-90-26 HBCT Reconnaissance Squadron
- RC Op 2006
- STEWART III, MAJOR George A, The Last Cavalry Regiment: The Corps Commander's Requirement, For The 3d ACR.



Cargas na História

“Pão e circo!”

(*Juvenal, Sátiras*)

I

Não existe expressão latina que melhor caracterize a nossa sociedade. As pessoas estão definitivamente corrompidas pelo facilitismo e cegas pela necessidade de uma rápida satisfação dos seus impulsos mais primários - ilusória necessidade básica. Este facto afecta as relações humanas e torna redutor e limitado o seu espírito crítico e capacidade de analisar o mundo. É característico dos novos Portugueses falar dos factos e utilizar o vocábulo, sem reflectir um minuto que seja sobre o seu teor. Hoje contrariarei a corrente simplista e reflectirei sobre um termo ilusoriamente simples: o cavalo.

Limitar-se-á o cavalo a ser um mero utensílio da lavoura ou meio de locomoção? Obvio que não! A palavra cavalo é um vocábulo que anima, um termo com alma “anima”. Quem nunca montou não se pode considerar verdadeiramente livre. Quem nunca sentiu o pulsar daquele coração enérgico, a força animalesca imprimida pelo galope, a comunhão entre homem e besta, a comoção provocada pela dança

faunesca das crinas entrelaçando-se com o vento, nunca saboreou um dos grandes pratos que a vida coloca ao nosso dispor. Este ilustre equino povoou desde sempre o nosso imaginário e cedo se tornou um ícone da nossa realidade. Para prová-lo recuarei agora até à Hélade, à Magna Grécia, onde o cavalo era adorado. A atestá-lo cito o exemplo dos Centauros, esses seres míticos originários da Tessália, com tronco e cabeça de homem e corpo de cavalo, de onde se salienta Quíron, que atingiu a imortalidade devido à sua douda sapiência e conhecimentos de medicina. Temos também o exemplo de Pégaso, corcel alado inseparável de Belerofonte. Alexandre Magno amava tanto o seu cavalo de guerra, Bucéfalo, que quando este morreu na dolorosa campanha da Índia, fundou no local da sua morte e em sua honra uma cidade, Bucéfala. Na Roma Imperial encontramos Calígula e o seu cavalo predilecto Incitatus. O imperador no seu leito de loucura, terá nomeado para Incitatus dezoito criados, e conta-se que o equino terá sido até proposto para Senador. Na mitologia Escandinava Odín entra no Walhalla montado em Sleipnir, um ágil cavalo de oito patas que o acompanhará no Ragnarok (combate apocalíptico entre as forças de dissolução e o bem).

Saltando agora até ao

Renascimento encontramos o Unicórnio, evocação virginal, expoente de candura... Mescla-se assim no imaginário do Homem a sua história com os mitos feéricos protagonizados pelo cavalo.

II

Desde a sua génese que os primeiros homínidos tiveram a necessidade de se movimentar. Primeiro para encontrar alimentos, depois para levar a guerra até ao seu inimigo. A domesticação do cavalo remonta à civilização Suméria, na ancestral Mesopotâmia. Esta para além de inventar a roda e descobrir o bronze, foi também a primeira a utilizar o cavalo. O emprego do cavalo como Elemento Essencial de Combate choque e movimento só surgiu com o povo Hicso. Considerado o Povo do Cavalo, a sua relação com este era semelhante àquela que os Sami mantêm com a rena. Este povo forjou o conceito de homem-cavalo-flecha, disparavam a galope e retiravam perante um inimigo estupefacto. No século XVIII a.C. os hicsos (de origem asiática), subjugaram os egípcios com relativa facilidade. Neste período, apesar da debelagem os egípcios aprendem com estes o segredo do uso do fabuloso animal e o emprego do carro de guerra. No século XIII a.C.,

já com o jovem Ramsés II como Faraó, os egípcios, senhores do seu destino, empregam uma quantidade enorme de carros de guerra na célebre batalha de Kadesh contra os Hititas de Muwateli. No século V a.C. os persas criam o carro falcado, (carro puxado por cavalos com foices nas rodas). Alexandre derrotou-os em Gaugamelos, dotando as suas falanges de flexibilidade. Ao sentir a



aproximação dos carros a falange abria uma brecha deixando o carro entrar e rapidamente este era envolvido pela mesma, perdendo assim o seu efeito de choque. Foi o precursor do carro de combate moderno.

No ano de 732, Carlos Martel derrota os árabes na Batalha de Poitiers, contendo assim o avanço Muçulmano e preservando a Europa da Islamização. Carlos Martel é considerado o pai da cavalaria pesada ocidental e das Ordens de Cavalaria. O seu neto Carlos Magno empregará a cavalaria como unidade de elite dos Francos. Inicia-se assim o período áureo da cavalaria. São os códigos de honra, os rituais cavalheirescos, as histórias de amor e de tragédia. São os contos de Parsifal, Lancelot, Tristão, Rolando e também de Eurico (do sublime Alexandre Herculano). Surgem também as ordens monástico-religiosas. Ordens como a dos Cavaleiros do Templo (protectores do Santo Sepulcro), Hóspitalários e os intrépidos Teutónicos, que pelo esforço dedicado nas guerras sanguinárias contra

o infiel adquirem inúmeras riquezas e poder, ocupando assim um lugar cimeiro na Sociedade Medieval.

No início da Idade Moderna a cavalaria já sofrera inúmeras alterações. A cavalaria pesada medieval deu lugar aos couraceiros e a espada da ponta de bisel já fora trocada pelo sabre (semelhante às cimitarras usadas pelos árabes na Idade Média). A cavalaria ligeira dará origem aos Dragões e no século XVI aos galantes Hussardos. Os Hussardos remontam à Sérvia do século XV. Três séculos mais tarde não haverá exército europeu que não tenha uma unidade destes indómitos cavaleiros. Eram unidades ligeiras que utilizavam táticas de guerrilha, lestos e violentos, atacavam o inimigo e retiravam rapidamente. Os Otomanos julgavam-nos demónios pois estes usavam asas acopladas ao cavalo, no entanto, o seu maior legado foi a sua beleza. Sem pretensões estéticas ou diletantes, é admirável a imagem romântica do hussardo. O salteador, o rebelde, com o seu característico casaco extravagante, a sua pélsse, forrada a pele de leopardo usada só sobre um ombro, a sua barretina de pêlo e as suas reluzentes botas. Usavam o cabelo comprido, entrançado sobre a nuca, para que esta estivesse mais protegida. Percorreram os campos de batalha da Europa mas também o imaginário feminino. Lord Cardigan e Murat são exemplos destas magníficas unidades.

É durante as guerras Napoleónicas que se observam as maiores cargas de cavalaria. O curso que desafiou o mundo ideou uma nova ordem mundial. Coube ao seu exército a concretização da hercúlea pretensão.

8 de Fevereiro de 1807, Rússia. O exército russo e o de Napoleão confrontam-se em Eylau (actual Bragationovsk) protagonizando o

célebre massacre da neve, visto a batalha ter decorrido com -15° C. O início da batalha favorece os russos, que atacam os franceses estando estes a ocupar uma posição defensiva no famoso cemitério de Eylau. Napoleão, ao ver os seus homens serem trucidados pelas baionetas russas, terá exclamado para Murat: “-Que audácia! Vais-te deixar devorar por esta gente?”. É a célebre carga dos oitenta esquadrões. Murat, futuro rei de Nápoles, investirá com dez mil homens contra os russos, sendo esta considerada uma das maiores cargas de todos os tempos. Este acto de bravura conjugado com o reforço de Ney, trará a vitória ao imperador francês.

18 de Junho de 1815, Bélgica. Após a fuga do seu exílio em Elba, Napoleão tenta pela última vez desafiar a ordem do mundo. Encontramo-nos em Waterloo. Ingleses, prussianos, russos e austríacos unem-se com o objectivo de destruir o velho ogre. Napoleão por seu turno, tenta atacar cada grupo separadamente, explorando assim as suas fraquezas. Começa pelos prussianos, conseguindo que as forças de Blücher recuem. Vira-se então para os ingleses que ocupavam posições defensivas nas fazendas de Hougomont, La Haye Sainte e Papelotte. A batalha prossegue ao longo de várias horas e mantém-se o impasse. Após sete horas de combate encarniçado, os prussianos conseguem finalmente vir em socorro dos ingleses. Ney, apelidado como o “Bravo dos Bravos”, é induzido em erro por uma suposta retirada inglesa. Motivado por tal suspeita, encabeça uma magnífica carga de “Courassiers”, caindo esta sobre o cerrado fogo inglês. Nas seguintes horas Ney liderará doze cargas de cavalaria empregando cinco mil cavaleiros. Nem a invencível velha guarda de Napoleão consegue



mudar o rumo da batalha. Quando tudo está perdido, após a morte do seu quinto cavalo, o Marechal Ney comandará uma última carga. Entregando-se aos sabres inimigos diz: "Vejam como morre um Marechal de França!". O destino estava traçado. A águia francesa cai finalmente por terra. Apesar de bela e valorosa, o incorrecto emprego da cavalaria em Waterloo ditou o fracasso francês.

25 de Outubro 1854. A ambição expansionista de Nicolau I levou a que deflagrasse uma guerra na península da Crimeia, tendo como adversários o império otomano, inglês e francês. Neste inolvidável dia em Balaklava (cidade portuária no mar negro) decorrerá uma das mais famosas cargas da história, a última carga da brigada ligeira. Deificada literariamente por Tennyson e imortalizada no cinema pelo realizador Tony Richardson e pelo actor Errol Flynn. Os russos detinham posições com peças de artilharia em torno da cidade. Lord Raglan observa a retirada de algumas dessas peças e solicita à brigada ligeira que ataque o inimigo supostamente fragilizado pela mesma. Ao fluir pela cadeia de comando as ordens tornam-se dúbias e Lord Cardigan lidera a famosa carga através de um vale - o famoso vale da morte. O inimigo estava em vantagem devido à sua posição elevada e forte protecção defensiva. Foi uma carga suicida. Este lídimo comandante, o primeiro a carregar,



nunca olha para trás, não tende a noção da carnificina que dizima os seus homens. Limita-se a cumprir a ordem que recebera. E cumpriu-a bem. O combate dura vinte e cinco minutos. Seiscentos e setenta e três homens lançam-se sobre cinquenta peças de artilharia e vinte batalhões de infantaria. Os russos atónitos, julgaram os ingleses ébrios e a carga encabeçada pelo desregrado deus Dionísio. Bosquet, General francês que assiste a toda a movimentação diz: "C'est de la folie!". Os ingleses atingem a posição russa e flagelamos enquanto podem, matando várias centenas. Quando estes se reorganizam são obrigados a retirar do mesmo modo esplêndido e inacreditável. Após o ataque apenas cento e noventa e cinco homens tinham cavalo. Miraculosamente, Lord Cardigan sobrevive à carga, duzentos e quarenta e seis dos seus homens doam o seu corpo e seu espírito e têm o seu nome gravado a letras doiro na memória daqueles que idolatram o heroísmo. De seguida, antes de me debruçar sobre a lídima figura de tenente Alfredo Lima, iremos dar um salto de aproximadamente cem anos até à Segunda Guerra Mundial.

1 Setembro de 1939. No decorrer do Lebensraum, necessidade de espaço vital para a emancipação alemã, a Alemanha invade a Polónia. A Blitzkrieg, ataque relâmpago que agrupava vários meios como infantaria, cavalaria e força aérea, avassala o mundo devido à facilidade com que decepa a resistência polaca. É neste contexto de cerco e rendição que sur-

ge o famoso episódio da cavalaria polaca. O facto aconteceu em Krojanty onde elementos do 18º Regimento de Lanceiros ao verem-se cercados, carregam de lança em riste sobre unidades Panzer. Apesar de surreal, qual quadro de Dalí, o episódio foi aproveitado pela imprensa alemã de Goebbels para demonstrar a supremacia racial e bélica alemã.

4 de Julho de 1943. Os alemães já perderam a iniciativa. Após a derrota do 6º Exército de Von Paulus em Estalingrado e do fracasso na frente de Moscovo, Hitler antecipa a contra-ofensiva russa e planeia a Operação Cidadela. Esta operação é a última grande ofensiva alemã no leste e será conhecida pela batalha de Kursk, o maior combate de blindados da história. Zhukov derrota Von Mainstein e Model perto de Prokhorovka, onde cerca de três mil blindados confrontam-se a poucas dezenas de metros provocando um espectáculo de morte e fogo nunca visto. Intervieram sete mil e setecentos blindados no total. Os alemães apesar dos Panther, Elefant, e dos últimos modelos do Panzer IV, não conseguem fazer frente à superioridade numérica dos T-34 russos. O declínio tudesco torna-se então irreversível.

Para finalizar este passeio pelo passado irei prestar o meu tributo ao intrépido Tenente Alfredo Lima na célebre batalha do Mufilo. A campanha dos Cuamatos de 1907 visava a pacificação da região angolana dos Cuamatos, que dos povos gentios era dos mais hostis. Assim se



constrói o forte Roçadas, para garantir a contenção do avanço bárbaro e para cimentar a nossa posição naquele território. A 26 de Agosto forma-se uma coluna com o intuito de alcançar as Cacimbas de Aucongo, percurso perigoso que alternava entre zonas densamente arborizadas e clareiras de denotado risco. Na cauda da coluna, a escoltar a carreamento, encontrava-se o conspicuo 2º Esquadrão do Tenente Lima com os seus magníficos corcéis argentinos. A 27 de Agosto, a coluna depara-se com a chana do Mufilo, um corredor aberto com dois mil metros de profundidade e mil e quinhentos de largura, cercado por densa vegetação. Tal facto obrigava a procedimento lesto e eficiente de modo a percorrer a dita zona perigosa o mais rapidamente possível. O gentio já tinha preparado de antemão, a coberto da vegetação, a sua insídia. Quando os nossos soldados começam a percorrer a chana, o gentio inicia os disparos obrigando à rápida formação do quadrado. Após várias horas de intenso flagelo, gasto de munições e inúmeros feridos, o capitão Roçadas solicita o apoio da cavalaria para que desbaratasse os ousados atiradores. Assim sai o insigne 2º Esquadrão, embrenhando-se na densa mata, indo de encontro ao inimigo. Os cavalos emaranhados na vegetação, empapam o solo africano com o seu sangue imaculado. O gentio esse, inicia o envolvimento dos nossos cavaleiros e nesse momento e após a constatação do inegável cerco, o estóico Tenente Lima iluminado por Bolona, exclama: "Soldados! O nosso esquadrão quando se vê cercado abre caminho à ponta de lança. Carregar, carregar!". E assim rompem o perigoso cerco. Motivados por tal empresa continuam a perseguição dos bárbaros até à debandada destes. Após retornarem à segurança do

quadrado, o fogo inimigo torna-se cada vez mais ténue até que cessa por completo. Termina assim a batalha do Mufilo. O combate durou sete horas. Sete horas de flagelo em campo aberto, com os corpos a arderem sob o impulso ígneo do sol impiedoso de Agosto. É este, o espírito denodado que nos alimenta o orgulho.

III

O culto do cavalo é tão antigo quanto o culto do Homem. Desde os primórdios que as primeiras comunidades humanas se reuniam para ouvir as histórias dos seus antepassados, os seus mitos. Pretendi humildemente e sem grandes aspirações grandiloquas, narrar alguns desses mitos. Excelsos actos de bravura que resolveram batalhas ou que pela sua espectacularidade se gravaram nos corações dos homens e nas telas dos pintores. Analisando nossa existência constatamos que é breve e limitada a um espaço histórico demasiadamente curto. Só cantando, como Camões fez, os feitos ilustres dos nossos antepassados se preserva o seu legado, o nosso legado. O estudo da História é uma viagem ao passado que nos permite o contacto directo com os nossos egrégios antecessores, e o enriquecimento existencial que tal contacto proporciona.

Quando em criança Morfeu me vinha buscar ao meu leito e me transportava para o seu reino onírico, sempre imaginei como terá sido o mergulho do paladino D. Sebastião, contra aquele bloco erigido, qual ouriço, de piques, alabardas e roncões em Alcácer-Quibir. Após a morte do seu preferido D. Cristóvão de Távora, após a derrota provocada pela maldita palavra "Ter", que confundiu o nosso exército, precipitan-

do-o para uma retirada, quando levávamos vantagem sobre o curso da peleja, D. Sebastião inciso, cercado e sem expectativas de salvação terá dito: "Morrer sim, mas devagar!". Mirífico quadro da nossa história, morte gloriosa e invejável. O tempo deveria ter parado e iniciar-se uma nova contagem a partir daquele inolvidável momento. Montado no seu corcel, guiado pelo ditame do orgulho racial e pátrio morre, mas primeiro colhe as almas e os vãos desejos do inimigo como se de rosas se tratasse. Despedaçou os seus frágeis corpos como se fosse Cronos e o infiel o seu filho. Trucidou a esperança com o fervor da sua montada, o ímpeto de um puro-sangue lusitano, levando-os consigo para o Hades. Mostrou que a vontade de um português é a vontade de um deus. Que o inclito sangue luso derramado, fertiliza o solo onde brotará o trigo que alimentará os vindouros. É magnífica e fecunda a nossa Pátria pois foi imenso o sangue derramado na preservação da sua Independência Sagrada. Consigamos nós viver em glória um único minuto como esta pléiade viveu toda a sua vida. Alexandre Magno terá dito: "A glória é para quem nasce para a conquistar. É sublime viver corajosamente e morrer deixando glória imorredora."

Camões, filho das tágides e do Tejo, na sua Magnum Opus canta assim a nossa raça, os nossos credos:

*"E também as memórias gloriosas
Daqueles reis que foram dilatando
A fé, o império e as terras viciosas
De África e de Ásia andaram devastando
E aqueles que por obras valorosas
Se vão da lei da morte libertando
- Cantando espalbarei por toda a parte
Se a tanto me ajudar o engenho e arte."*

"Os meus Livros"



O Conde de Lippe escreveu em 1762, num dos vários documentos doutrinários que constituiu o imenso legado deixado na sua reorganização, que "a leitura serve para formar-se o espírito militar e prover-se de ideias: por ela se enriquece com as luzes e com a experiência dos outros: e os senhores oficiais não poderão melhor, nem mais agradavelmente (para aqueles que amam a sua profissão) empregar, do que na leitura, as horas de descanso que deixam, especialmente no tempo de paz, as funções do serviço diário". O espírito inerente a estas palavras mantém-se actual, só que, num exército de voluntários, este esforço deve ser extensivo a todas as categorias – Oficiais, Sargentos e Praças –, no fundo, a todos os que "amam a sua profissão".

A Revista da Cavalaria convida, em cada número, um militar a partilhar uma meia dúzia de livros que tenham sido determinantes para a sua vida profissional e que entenda ser de mérito a sua partilha com outros profissionais de armas.

O **Major-General Martins Ferreira** é o nosso convidado deste número. Entre as funções que desempenhou em Unidades da Arma e do Exército e forças multinacionais, destacam-se as seguintes: Oficial de Informações no QG do SHAPE e no QG da SFOR/ LANDCENT USAREUR na Bósnia Herzegovina. Comandante do Regimento de Cavalaria nº4. Desempenhou também funções ao serviço das NAÇÕES UNIDAS como Chefe da Repartição de Informações no QG da UNTAET e de Comandante do Sector Central e do Contingente Nacional da Força de Manutenção de Paz da UNTAET, em Timor Leste.

É desde 26 de Maio de 2006 comandante da Brigada de Intervenção.

A Direcção da Revista da Cavalaria

1. Responder ao pedido de escrever sobre alguns livros de referência ao longo da minha já longa carreira não foi tarefa fácil e como penso que o público-alvo destas linhas são as novas gerações resolvi ser pragmático. Por isso, ao pensar na minha formação como oficial do Exército e Mestre de Equitação, a primeira coisa que me veio à cabeça foi o livro de Deontologia Militar que, embora já lhe tenha perdido o paradeiro, continua a ser uma referência. A actual crise financeira e económica foi indubitavelmente precedida e como consequência duma crise de valores. Os valores que nos são inculcados na Academia Militar acompanham-nos ao longo do nosso percurso como

militares e cidadãos, norteando toda a nossa acção, quer em território nacional, nas nossas funções normais de tempo de paz, quer nas missões que cumprimos em teatros de operações bem distantes como Timor, Afeganistão ou Iraque.

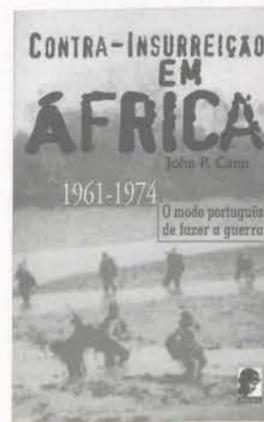


2. A segunda referência que me veio à cabeça porque marcou a geração que me precedeu foram os Manuais de Campanha - O Exército na Guerra Subversiva publicados pelo Estado Maior do Exército na década de 60, livros que continuam, na minha óptica, actuais e que bastante úteis me foram no Teatro de Operações de Timor no verão "quente" de 2000. Ajudam-nos a compreender as Acções Baseadas em Efeitos (Effect Based Operations), um método para obter um resultado ou um efeito estratégico desejado através do emprego cumulativo e sinérgico de todas as capacidades militares e não-militares em todos os níveis de conflito. A execução dos

planos de operações contempla todas as capacidades disponíveis incluindo diplomática, civil, militar e económica.

Uma avaliação contínua do inimigo, das acções políticas e militares bem como a situação das forças amigas capacitará o comandante para ajustar as modalidades das acções tácticas a adoptar, que contribuirão para atingir o desejado estado final, rápida e eficazmente.

Este conceito EBO, apesar de novo, é praticamente um guia geral para utilizar os instrumentos nacionais de poder, para atingir os objectivos estratégicos, em qualquer cenário de guerra e, se não se tiver em consideração na aplicação deste conceito a utilização das novas tecnologias à disposição da superpotência, concluiremos que este conceito foi amplamente utilizado durante a guerra do Ultramar, em menor escala, claro, utilizando em vez do F-117 caça Bombardeiro, um FIAT G-91 ou um grupo de combate para cortar um nó de comunicações do inimigo. O "modo português de fazer a guerra" contemplava muitas destas formas de actuação.

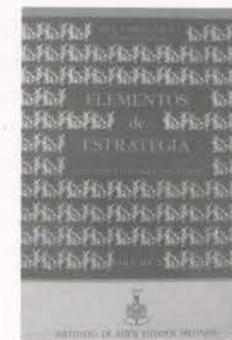


3. A **Contra-Insurreição em África 1961-1974 - O Modo Português de Fazer a Guerra**, de John P. Cann, é a visão de um oficial estrangeiro sobre a forma como os portugueses, através de uma liderança e orientação imaginativas das campanhas, combateram uma guerra

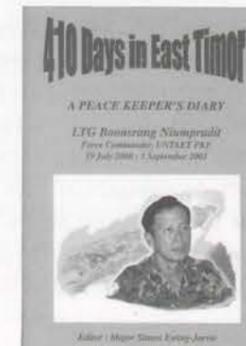
colonial de três frentes a oito mil quilómetros de casa durante 13 anos, com um limitadíssimo orçamento de defesa. Citando o autor, "os militares portugueses conseguiram uma vitória militar clara em Angola, um impasse digno de crédito na Guiné, e, com alguns meios adicionais e uma liderança forte, poderiam ter readquirido o controlo da zona setentrional de Moçambique.

4. Como Mestre de Equitação e, apesar de possuir mais de uma centena de Livros de Equitação desde os autores mais clássicos aos actuais, a minha referência e o meu conselho são o Manual de Equitação do EME e o livro do Curso de Instrutores de Equitação porque contém as bases gerais necessárias à prática da Equitação. Importa dizer que aprendi a montar a cavalo na Academia Militar e foi graças a estas referências, aos meus mestres, aos meus cavalos e às horas que partilhei com eles, em prejuízo da minha família, que fiz o curso de mestres, pertenci à Escola "Reprise" de Mafra durante cerca de três anos, ganhei o prémio Conde Avranches três vezes, melhor conjunto cavalo e cavaleiro da semana equestre militar, venci o Campeonato de Portugal do critério de cavalos de 5 anos, fui Campeão Equestre Militar de Concurso Completo de Equitação, venci o Grande Prémio da Semana Equestre Militar de Mafra e participei e no CSIO de Lisboa.

5. Ao progredirmos na carreira há livros que são incontornáveis -

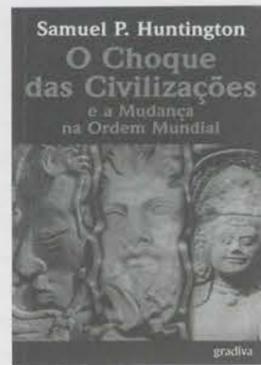


COUTO, Coronel de Artilharia Abel Cabral (1988), Elementos de Estratégia - Apontamentos para um Curso, Volume I e II, IAEM, Lisboa., bem como, mais recentemente, todas as Reflexões sobre Estratégia (I a V) contidas nos livros do general Loureiro dos Santos. A reflexão sobre Estratégia V de uma forma minuciosa ajuda-nos a compreender a actual situação política internacional e traça as linhas mestras do que deverão ser os desenvolvimentos geoestratégicos num futuro próximo e a médio prazo.



6. Cerca de três anos depois de regressar de Timor recebi do meu comandante, o Tenente-General Boonsrang Niumpradit, o livro que ele escreveu sob a forma de diário, 410 Days in East Timor a Peace Keeper's Diary, e cobre o período em que fui Comandante do Sector Central e do Contingente Português em Timor Leste retratando o período de maior actividade operacional do Contingente Português. Lendo o diário do General Boonsrang, o leitor irá compreender o trabalho árduo que foi necessário para tornar uma operação como a UNTAET no maior sucesso das Nações Unidas, bem como a enorme satisfação a nível individual e colectivo.

7. Em 2008, nas minhas duas estadias no Líbano, pensei num livro que li quando fiz o CSCD - O choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial, de Samuel P.Huntington. O autor desenvolve



neste livro o conceito de civilizações, a questão de haver uma civilização universal, a relação entre poder e cultura, a evolução do equilíbrio de poderes entre as civilizações, a indignação cultural nas sociedades não-ocidentais, a estrutura política das civilizações, os conflitos gerados pelo universalismo ocidental, a militância muçulmana e a afirmação chinesa, as reacções de contrapeso e de alinhamento à ascensão do poder chinês; as causas e a dinâmica das guerras civilizacionais (Fault Line Wars, no original).



8. Durante uma Semana do Ambiente no Campo Militar de Santa Margarida foi-me oferecido um livro, pelo Dr. Viriato Soromenho Marques, O Desafio da Água. Penso que vale a pena ler e reflectir. Reúne várias contribuições de grande qualidade versando temas como “A água no contexto da crise global do Ambiente”, “A água em Portugal e na Europa” e a “Geografia Mundial da água: riscos e oportunidades”.



9. Recomendo também dois livros escritos por oficiais de cavalaria. O primeiro o Sortilégio da Cobra, do Tenente-General Mário Jesus da Silva. O nosso general é uma referência obrigatória para a minha geração e para todos os oficiais de Cavalaria. O livro é um forte e impressionante – porque vivido – retrato de alguns momentos-chave da descolonização obrigatória. É um testemunho amargo, mas nem por isso menos lúcido e oportuno.



O segundo livro que recomendo é o Nó Cego, de Carlos Vale Ferraz. O autor, digníssimo cavaleiro e amigo, Coronel de Cavalaria Matos Gomes, retrata neste romance os dramas, as alegrias e as tristezas da geração que fez a guerra. Segundo António Pedro de Vasconcelos “é um fresco sobre a guerra colonial e um requiem sobre os soldados portugueses”.

Vale a pena ler porque é um dos romances portugueses mais bem escritos que li, é magnífico, avassalador e esconde uma soberba macro-metáfora.



10. Muito recentemente foi-me oferecido um livro escrito por Yolanda Mukagasana, Tutsi, refugiada política. Não tenhas medo de saber. Ruanda: Uma sobrevivente Tutsi : conta. Vive actualmente em Bruxelas onde se bate pela verdade sobre o que se passou em 1994 no Ruanda. Neste livro comovente, ela conta o horror do genocídio, explica as causas, aponta os responsáveis com coragem. Ela testemunha esta barbárie própria do homem e mais ainda desperta em nós o dever de olhar o horror para lhe poder escapar.

11. Para terminar quero dizer que o militar do quadro permanente deve ler muito, concerteza, mas não esquecer nunca que a sua profissão é essencialmente prática. Não sigam aquele exemplo que dávamos no CMEFD em Mafra, em jeito de anedota, quando queríamos apertar com um aluno no curso de instrutores de equitação, lhe dizíamos para comprar o livro “Como aprender a montar a cavalo em cinco lições sem cavalo”. Leiam muito mas pratiquem ainda mais, não esquecendo que, apesar das “equivalências”, nada substitui o comando, que o “core business” do Exército que todos servimos com orgulho é o produto operacional e o soldado a nossa razão de ser.



«A cavalaria na Guerra da Restauração. Reconstrução e evolução de uma força militar. 1641-1668» Jorge Penim Freitas, Lisboa, Prefácio, 2005, pp. 66.

A historiografia militar representa o entrelaçar entre dois ramos do conhecimento: a História e a Ciência Militar. Face ao possível carácter instrumental de cada um deles, esta convivência tem revelado cambiantes ao longo dos tempos. O historiador aborda o assunto militar munido das suas ferramentas de trabalho, com vista a prosseguir as finalidades próprias do seu ofício. Ora se a própria ciência histórica vai revendo em permanência os pressupostos da actividade que desenvolve, torna-se quase inevitável que essas alterações se reflectam na visão diríamos histórica sobre o fenómeno da guerra. Do mesmo modo pudemos falar sobre o relacionamento do conhecimento militar com o passado. Novas teorias tendem a rever o conhecimento de épocas passadas. À luz das perspectivas actuais assim se julgam as acções passadas.

Por sua vez, os dois níveis de conhecimento, ao abordarem o mesmo objecto de estudo, partindo de perspectivas diferenciadas, tenderão a apresentar resultados pelo menos na forma, desligados entre si. Encontrar o balanço correcto entre um e outro

MAJ CAV JORGE HENRIQUES IESM.

será um trabalho sempre difícil, mas possível e desejável. Pois cada uma das partes não poderá ignorar os contributos da outra, sobre pena de comprometer um possível desiderato comum: mais do que obter uma imagem completa e fiel ao original, que ela seja rigorosa e isenta, por mais irrealizável que isso nos possa parecer.

Esta reflexão surge a propósito de um livro publicado há três anos e que consideramos merecedor de atenção, pois sendo um livro de História tem como objecto de estudo a cavalaria à época da Guerra da Restauração, conflito decisivo na consolidação da nossa soberania moderna. Escrito em pouco mais de sessenta páginas, aborda com o detalhe possível a evolução da cavalaria do Exército Português ao longo do conflito, constituindo um documento essencial para o conhecimento histórico numa área específica das forças terrestres. O percurso da arma de cavalaria portuguesa, já havia sido retratado noutras épocas, com mais ou menos pormenor. Algumas dessas obras são referidas na bibliografia extensa e detalhada sobre o tema, que o autor apresenta no final. No entanto, como o próprio autor constata, existe algum desequilíbrio tanto nas épocas estudadas como nas metodologias de estudo.

Destaque-se em particular a obra em quatro volumes escrita por Cristóvão Magalhães Sepúlveda, no final do século XIX, «História da Cavalaria Portuguesa», publicada entre 1889 e 1894 pela Imprensa Nacional, súpula do conhecimento histórico sobre a cavalaria, incidindo sobre o período após 1707. Muitos outros livros foram publicados, abordando épocas específicas, acontecimentos localizados no tempo ou relatando a biografia de heróis militares. Entre várias refira-se a

monografia de J. Lúcio Nunes dedicada à participação da cavalaria na Guerra Peninsular «As brigadas da cavalaria portuguesa na guerra peninsular», publicada na Revista Ocidente em 1954 em Lisboa. Em relação às campanhas no teatro de operações da África Austral no fim do século XIX e início do século XX – incluindo o período da I Guerra Mundial – assistiu-se ao recrudescimento da publicação de obras que abordavam, de forma genérica ou particular o emprego da cavalaria. Destacam-se os relatos de Mouzinho de Albuquerque sobre as suas campanhas africanas, o livro sobre a actuação da cavalaria no Sul de Angola em 1914 e outro sobre o combate de Nevala.

Segundo outra metodologia o estudo histórico da cavalaria é feito de uma forma genérica, enquadrada no estudo mais abrangente do Exército Português e da nossa História Militar. Neste sentido, no século XX assinala-se a obra de Carlos Selva-gem, «Portugal Militar», publicada pela Imprensa Nacional em 1931 e reeditada recentemente, narração abrangente dos principais acontecimentos militares da História de Portugal, abordando em algumas das situações as unidades de cavalaria. Outra obra é a do General Luís Ferreira Martins «História do Exército Português» da Editorial Inquérito, publicada em 1945, que apresenta também várias referências à cavalaria. As obras assinaladas, reflectindo a tendência predominante na época, tinham como autores, militares. Quer como testemunhas dos acontecimentos relatados – muitas das vezes num registo de auto elogio –, quer como prolongamento natural do seu interesse por assuntos da sua esfera de acção, através do estudo, quase sempre apologético, de exemplos históricos nacionais.

Alguns anos após o final das campanhas do Ultramar, ocorridas nas décadas de sessenta e setenta do século XX, assistiu-se ao recrudescimento do interesse pelo estudo histórico dos assuntos militares, principalmente sobre este último conflito. Destaca-se a obra da Comissão de Estudo das Campanhas de África (1961-1974) «Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África» publicada em X volumes pelo Estado-Maior do Exército. De novo autores militares, num contexto institucional, abordando assuntos militares e mais uma vez a cavalaria enquadrada numa perspectiva de conjunto da acção do Exército Português. Já mais recentemente vem-se assistindo à publicação de estudos no âmbito da História Militar, realizados em muitos casos por especialistas civis. Destaque-se a colecção sobre as batalhas de Portugal, da Prefácio, onde para além de autores militares, surge também a escrever um número significativo de historiadores de formação, revelando o interesse cada vez maior sobre a nossa historiografia militar. Para concluir este ponto podemos referir ainda a publicação recente, entre 2003 e 2004, de uma «Nova História Militar de Portugal», dirigida pelo general Manuel Themudo Barata e pelo Professor Nuno Severiano Teixeira, obra que apresenta um conjunto de novas abordagens aplicadas à História Militar Portuguesa.

No entanto, assinala-se que as publicações sobre assuntos de historiografia de sentido mais específico, como seja o caso da cavalaria são, de um modo geral, escassas. E mesmo neste caso, traduzem, na sua maioria o relato de experiências vividas pelo autor ou autores enquanto militares da Arma. Esta tendência que não constitui, de todo, um exclusivo nacional. Se analisarmos, por exem-

plo, o caso norte-americano verificamos uma tendência semelhante.

Por tudo o que aqui foi referido, julgamos haver um potencial histórico a explorar no que diz respeito à cavalaria portuguesa. Quanto à obra em apreço, esta analisa um período essencial na História de Portugal e fulcral na génese do Exército Português Permanente, fazendo por esse motivo, todo o sentido o estudo particular da cavalaria. Para o efeito a obra articula-se fazendo um enquadramento do período, abordando de seguida a reconstrução e evolução da cavalaria portuguesa. Estuda a organização e equipamento das companhias, aborda a cavalaria estrangeira ao serviço de Portugal e procede à apresentação das doutrinas tácticas, das formações de combate e da cultura de comando vigentes.

Escrito por um historiador de profissão, o livro pretende traçar um quadro sobre o emprego da cavalaria na Guerra da Restauração, com o detalhe possível numa obra desta dimensão. Sem querer criticar a metodologia histórica, destaque-se o número extenso de fontes consultadas, tanto ao nível das fontes primárias como secundárias. Recorreu-se tanto a fontes nacionais como internacionais para obter o enquadramento exacto sobre a época e os modos de fazer a guerra.

Não trazendo dados novos sobre o período em apreço, o livro constitui uma boa referência para conhecimento das várias vertentes da cavalaria da época, concentrando informação que de outra faria estaria dispersa. Para quem pretenda aprofundar mais o conhecimento sobre o assunto, as informações disponibilizadas encontram-se devidamente referenciadas, bem como a extensa bibliografia final auxilia o trabalho de investigação. Para além dis-

so o livro apresenta ainda um glosário de termos relativos à cavalaria que ajudarão à leitura da obra.

Quanto ao conteúdo, várias são as ideias que ressaltam. Destacamos a relevância da cavalaria para o desfecho da Guerra da Restauração. Sendo que esta se decidiu no teatro de operações do Alentejo, encontramos aqui o terreno ideal para o emprego das unidades a cavalo. E mesmo apesar de o esforço estar centrado na defesa das fortificações, foram algumas as batalhas travadas em campo aberto, que acabaram por decidir a componente militar do conflito, onde a cavalaria desempenhou um papel fundamental.

Outra ideia expressa no livro tem a ver com o carácter de prontidão intermitente da cavalaria, característica associada a todo o exército nesta época. Ou seja, apenas em alturas de necessidade de emprego se revitalizava a força militar em geral e a cavalaria em particular. No resto do tempo as forças militares caíam em período de letargia, longe das evoluções militares da sua época. As campanhas da Restauração constituíram uma oportunidade para revitalizar a cavalaria em Portugal.



VISITA DE S. Ex.^a O SEDNAM, DR. JOÃO MIRA GOMES À ESCOLA PRÁTICA DE CAVALARIA, EM 03DEC08



A Escola Prática de Cavalaria teve, no passado dia 03 de Dezembro, a honra da visita de S. Ex.^a o Secretário de Estado da Defesa Nacional e Assuntos do Mar, Dr. João Mira Gomes, no âmbito da Formação.

Após terem sido prestadas as honras militares regulamentares, S. Ex.^a o SEDNAM recebeu no auditório, um briefing sobre a Escola efectuado pelo Ex.^{mo} Comandante que encetou com uma síntese histórica e processo de transferência, abordando ainda, entre outros assuntos, a organização da Escola, a formação e os meios que lhe estão associados. Estiveram presentes Oficiais e Sargentos da Escola.

Na sequência do briefing, S. Ex.^a o SEDNAM visitou diversas áreas nas quais decorriam acções de formação, de que se destacam, a viatura blindada Pandur II 8X8, equitação militar, operações e informações, educação física militar e tiro. O objectivo da visita foi verificar a forma como são conduzidas as actividades de formação – fulcro da missão da EPC – pois a formação é uma das áreas de coordenação que é encarado, ao nível do Ministério da Defesa, de S. Ex.^a o SEDNAM. Durante a visita às instalações da Escola, foi colocado particular ênfase no modo “prático” como os formandos adquirem os conhecimentos que lhes permitem apreender o “saber fazer”, experimentando o que



Escola Prática de Cavalaria

antecipadamente lhes foi transmitido na forma de lição, e que proporcionou ao SEDNAM uma noção mais abrangente de como aqui é cumprida a missão.

Após o almoço que foi servido na messe de Oficiais, decorreu, na sala de Oficiais, uma troca de lembranças alusivas ao evento e a assinatura do Livro de Honra na qual, S. Ex.^a o SEDNAM manifestou o seu apreço pelo empenho e dedicação demonstrados pelos militares e civis que servem na Escola.

FESTA DE NATAL DA EPC



A Escola Prática de Cavalaria realizou em 16DEC08 a sua festa de Natal, destinada a todos os seus militares, funcionários civis e respectivas famílias, e que contou com a presença de S. Ex.^a Rev.^o D. Januário Torgal Ferreira, Bispo das Forças Armadas e das Forças de Segurança que celebrou a Missa de Natal.

No refeitório geral teve lugar um espectáculo de variedades alusivo à época natalícia. A festa culminou com o tradicional jantar de Natal, durante o qual se procedeu à entrega de presentes aos filhos dos militares e funcionários civis da EPC.



“JANEIRAS” NA EPC

No dia 05 de Janeiro de 2009, na EPC, professores e alunos da Escola N.º 4 da Chaíça e do Centro de Recuperação Infantil de Abrantes (CRIA) cantaram no Átrio “Mouzinho”, as “Janeiras” aos militares e funcionários civis da EPC.

Com este evento, foram dadas as Boas Festas e desejado um Bom Ano 2009 a todos os que servem na EPC, estreitando os laços de cooperação e amizade entre estas Escolas e a Escola Prática de Cavalaria.

O evento mereceu o apreço de todos os militares e funcionários civis que testemunharam esta iniciativa.

JURAMENTO DE BANDEIRA DO 3.º CEFGCPE

Em 20NOV08 realizou-se na EPC, a Cerimónia do Juramento de Bandeira do 3.º Curso Extraordinário de Formação Geral Comum de Praças do Exército (CEFGCPE). Nesta Cerimónia presidida por S.Ex.^a o Director da Doutrina do Comando de Instrução e Doutrina, Major-General Aníbal Alves Flambó, jurou Bandeira um efectivo de cerca de 120 soldados recrutas que terminaram desta forma, a sua Preparação Militar Geral. No decorrer da cerimónia, na qual estiveram presentes muitos familiares dos soldados recrutas, foi entregue um prémio ao recruta melhor classificado. A Cerimónia terminou com uma demonstração de actividades do Grupo de Formação que englobou a educação física, técnica individual de combate e ordem unida, entre outras.



Regimento de Lanceiros n° 2

APRESENTAÇÃO DO NOVO 2.º CMTD DO RL2



Em 16 de Setembro de 2008, perante formatura Regimental, numa cerimónia simples mas com um destaque e solenidade próprias, foi apresentado aos quadros e tropas do RL2 o novo 2.º CmtD, TCor Cav José Túlio Marques da Silva.

O TCor Marques da Silva nasceu em Angola e tem 47 anos de idade. É casado e tem dois filhos.

Foi promovido ao actual posto em de 21 de Dezembro de 2004. Está habilitado com a licenciatura em Ciências Militares, especialidade de Cavalaria, da Academia Militar.

Ao longo da sua carreira, prestou serviço em várias unidades do Exército, tendo prestado serviço no Regimento de Lanceiros N.º 2, de Ago92 a Fev99 e de Jan99 a Dez04, onde desempenhou várias funções das quais se salientam: - Comandante do 1.º Esquadrão de Instrução; - Comandante do Esquadrão de Comando e Serviços; - Oficial de Operações, Informações e Segurança.

Da sua folha de serviços constam dez louvores, dos quais se destacam quatro concedidos por oficial general. Possui as seguintes medalhas: - Medalha de Serviços Distintos - Grau Prata; - Medalha de Dom Afonso Henriques - 2.ª Classe; - Medalha de Comportamento Exemplar - Grau Prata; - Medalhas Comemorativas de Comissões de Serviços Especiais de Angola, Timor e Cabo Verde; - Medalha ONU - Timor; - Medalha NATO - Paquistão. O comando do Regimento, todos os oficiais, sargentos, praças e funcionários civis desejam as maiores venturas no desempenho da função que agora assume.

ESTÁGIO DO 35.º CFS DE CAVALARIA



Realizou-se no RL2 de 22 a 26 de Setembro de 2008 o Estágio do 35.º Curso de Formação de Sargentos de Cavalaria, tendo como principais objectivos o acompanhamento de Missões de Polícia de Exército e de Execução de Atribuições e Tarefas das Subunidades e Órgãos Regimentais.

APRESENTAÇÃO DO NOVO CAPELÃO MILITAR DO RL2



Em 28 de Outubro de 2008, perante formatura Regimental, numa cerimónia simples mas com um destaque e solenidade próprias, foi apresentado aos quadros e tropas do RL2 o novo Capelão Militar, Maj SAR Rui Carlos Antunes de Almeida Lopes, do IMPE, que passou a desempenhar em acumulação estas funções desde 01Out08.

ALMOÇO DE SÃO MARTINHO



Em 12 de Novembro de 2008 comemorou-se o tradicional dia de São Martinho no RL2. O almoço realizado no refeitório geral contou com a presença de todos os militares e civis que prestam serviço nesta casa, havendo as tradicionais castanhas e água-pé a acompanhar um repasto melhorado para a ocasião.

No final bradou-se o Grito de Lanceiro de forma efusiva, tradição também esta, que demonstra a união entre todos os Lanceiros e uma forma de expressar e de servir dentro dos Lanceiros e do Exército Português.

VISITA DE ESTUDO DO 2.º CFO/CFS PE 2008



Em 18 de Novembro de 2008 o RL2 recebeu em visita de estudo o 2.º Curso de Formação de Oficiais e Sargentos de Polícia do Exército 2008, que actualmente decorre na Escola Prática de Cavalaria.

O 2.º CFO/CFS PE 2008 conta com um Oficial e oito Sargentos e na visita foram enquadrados pelo Ten Cav Carvalho e pelo 2Sar Cav Santos.

ASSEMBLEIA-GERAL DA AAOL



Em 15 de Novembro de 2008 o RL2 apoiou a realização da Assembleia-geral da Associação dos Antigos Oficiais Lanceiros.

De salientar que no decorrer da Reunião da Assembleia-geral foram eleitos por unanimidade os novos Órgãos Sociais para o triénio 2008 - 2011, ficando os mesmos assim organizados:

O Regimento de Lanceiros N.º 2 teve o grande prazer de apoiar todas as actividades da Associação de Antigos Oficiais de Lanceiros contando com a prestimosa colaboração de todos os Militares que prestam serviço nesta Unidade.

INAUGURAÇÃO DA SALA DE REUNIÕES DA UNIDADE MUSEOLÓGICA

Em 15 de Novembro de 2008 foi inaugurada a Sala de Reuniões da Unidade Museológica.

Esta sala tem como principal objectivo servir de apoio às actividades de protocolo e relações públicas do RL2, exponenciando um espaço único a nível arquitectónico em consonância directa com a história do RL2, ou não fosse esta sala, a antiga sala de exposições temporárias do RL2.

O Regimento de Lanceiros N.º 2 contou, mais uma vez, com a prestimosa colaboração do Dr. Miguel Sanches Baena e dos Militares que prestam serviço nesta Unidade, na concepção e montagem desta Sala.

FESTA DE NATAL DO RL2

O RL2 organizou e realizou em 19DEC08 a sua festa de Natal, destinada a todos os seus mili-



tares, funcionários civis e respectivas famílias, a qual, como é tradição no RL2, contou com a participação de todo o seu pessoal em espírito de franco e salutar vivência da época natalícia.

De entre estes eventos, destacam-se a Missa de Natal celebrada pelo Capelão do RL2, Reverendíssimo Major Rui Lopes, seguida de uma competição, dos Presépios a concurso, dos quais saiu vencedor o presépio da Secção de Alimentação/ECS. A festa culminou com o almoço de confraternização no Refeitório Geral, com entrega de prendas aos filhos e netos da família dos Lanceiros.



Regimento de Cavalaria n° 3

EXERCÍCIO ORION 08



Decorreu entre 06 e 17OUT08 o Exercício "ORION08" com a finalidade de testar algumas das capacidades da Força Operacional do Exército em Operações não Artº 5.

O RC 3 participou neste Exercício com um Pelotão de Reconhecimento presente no Distinguish Visitors Day, bem como com um militar no Grupo de trabalho das Main Event List/Main Incident List e no Controlo e Arbitragem.

PROVA DE CORTA-MATO INTEGRADA NAS COMEMORAÇÕES DO 52.º ANIVERSÁRIO DO REGIMENTO DE MANUTENÇÃO



Integrada nas comemorações do 52.º aniversário do Regimento de Manutenção, realizou-se em 13NOV08 a prova de corta-mato.

O Regimento de Cavalaria 3 esteve presente no evento com 14 atletas, sendo 10 masculinos pertencentes a quatro escalões e 4 femininos num único escalão, destacando-se um 3.º lugar individual no IV escalão.

TORNEIO INTERNO DE TIRO DESPORTIVO FASE I DO RC3



Decorreu nos dias 4, 5, 6, 11 e 19 de Novembro de 2008, integrado no Tiro de Manutenção anual do RC3, o Torneio de Tiro desportivo Fase I. Este torneio realizou-se num ambiente de sã competitividade e espírito de camaradagem.

TREINO DE CONDUÇÃO ANFÍBIA DO EREC/BrigRR



Decorreu no período de 02Dec a 05Dec08, mais um exercício do Esquadrão de Reconhecimento da Brigada de Reacção Rápida, com a designação MACONTENE 081, na região da Serra de Ossa, em Estremoz. Este exercício foi planeado e executado tendo como objectivo incrementar o treino operacional nas áreas técnica e táctica do Esquadrão de Reconhecimento, com vista a contribuir para os objectivos operacionais definidos pelo BrigRR.

O exercício desenvolveu-se num cenário convencional com a finalidade de testar e validar um conjunto de procedimentos ministrados durante a instrução colectiva, nomeadamente a entrada e saída de zona de reunião, marcha para o contacto e missões típicas das unidades de reconhecimento, especificamente missões que normalmente são atribuídas pelo Comandante da BrigRR nos exercícios de nível Brigada ou Exército, nomeadamente, Reconhecimento de Itinerário, Zona, Área e Vigilância de flanco.

No planeamento do exercício MACONTENE 081, foi criado um cenário que possibilitasse a travessia de cursos de água.

A missão permitiu treinar a condução anfíbia das guarnições da viatura blindada M 11 PANHARD. O exercício realizou-se na Barragem das Aldeias, nas proximidades de Estremoz, e para além de aprofundar os conhecimentos dos militares neste tipo de tarefas facultou testar a capacidade anfíbia desta viatura em travessia de cursos de água, independentemente da profundidade.

Esta sessão de condução anfíbia do EREC/BrigRR, foi presenciada pelo Exmº Major-General Alfredo Piriquito, Director de Formação do Comando da Instrução e Doutrina, pelo 2.º Comandante da Brigada de Reacção Rápida e pelo Comandante do Regimento de Cavalaria 3. Após a qual se seguiu um almoço servido pela Secção de Alimentação do Esquadrão a todos os militares presentes e à equipa de Bombeiros, que apoia sempre a Unidade nestas circunstâncias.

FESTA DE NATAL



Realizou-se em 18DEC08 no Regimento de Cavalaria 3 a Festa de Natal.

Este evento teve início com uma poule hípica no Picadeiro da Unidade com a presença de onze conjuntos, seguido de um almoço volante com a presença de todos os Oficiais, Sargentos, Praças, Funcionários Civis, familiares de militares do Regimento e alunos das classes de hipoterapia.

Após o almoço, chegou o Pai Natal que entregou presentes aos mais pequenos.

A festa continuou com uma sessão de cinema com a projecção do vídeo: "Socorro, sou um Peixe".

No final do evento realizou-se uma sessão de volteio.

CONCURSO POSTAIS DE NATAL

No decurso da recente quadra natalícia, foram trocados milhares de postais entre as UU/EE/OO do Exército e múltiplas Entidades civis e militares.

Tendo alguns desses Postais constituído objecto de especial apreço, quer pela sua originalidade quer pela sua mensagem, o RC 3 realizou em 07JAN09 o concurso "Postais de Natal" para selecção e escolha dos três melhores postais.

Tendo sido utilizado como critérios, a originalidade do postal, a sua componente artística e o conteúdo da sua mensagem, foram atribuídas as seguintes classificações:

- 1.º lugar - Postal do CIOE
- 2.º lugar - Postal da DELTA Cafés
- 3.º Lugar - Postal do IMPE

CURSOS DE FORMAÇÃO DE CONDUTORES



No decurso do último trimestre 2008, realizaram-se os seguintes cursos de condutores: 01 curso de categoria A, 3 cursos categoria B e 2 cursos de categoria C.



Quartel da Cavalaria em Santa Margarida Ex-Regimento de Cavalaria nº 4

JORNADAS DO DIA DA DEFESA NACIONAL (DDN)



Em 04NOV08, iniciaram-se no Quartel da Cavalaria, as Jornadas do Dia da Defesa Nacional. Estas Jornadas têm por finalidade receber diariamente um conjunto de jovens (cerca de 140) de 18 anos, previamente convocados para se apresentarem, afim de serem sensibilizados sobre a Defesa Nacional, o papel das Forças Armadas e sobre as actuais formas de prestação de serviço militar.

A actividade é conduzida através de um conjunto de jornadas diárias que decorrem nos Centros de Divulgação das Jornadas do DDN um dos quais está instalado no Quartel da Cavalaria. Diariamente os jovens convocados assistem a briefings sobre a Defesa Nacional e sobre as Forças Armadas, assistem a demonstrações de actividades, exposições estáticas de materiais, executam uma pista de cordas e visitam diversos locais da Unidade, permanecendo no Quartel diariamente das 09H30 às 17H00. Anualmente decorrem em dois períodos distintos, estando neste momento agendados os seguintes: de 04NOV08 a 19DEC08 e 08JAN09 a 19MAR09.

COMEMORAÇÕES SÃO MARTINHO

Comemorou-se no dia 11 de Novembro de 2008, o dia de São Martinho, com a realização de um almoço convívio reforçado, para todos

os militares e funcionários civis da Unidade, onde não faltou a castanha assada e a prova do vinho.

VISITA EXMº TGEN VCEME



Em 20 de Novembro de 2008, decorreu na BrigMec, a visita do Exmo Tenente-General VCEME Mario de Oliveira Cardoso, que aproveitou a ocasião para visitar o Quartel da Cavalaria e as futuras instalações para estacionamento dos CC Leopard 2 A6, tendo -se sentido grande interesse e preocupação com a resolução dos problemas imediatos que afectam a Brigada Mecanizada e em particular os CC Leopard 2 A6.

JURAMENTO DE FIDELIDADE

Em 16 de Dezembro de 2008 realizou-se no Comando da BrigMec a cerimónia de Juramento de Fidelidade de 4 Oficiais e 5 Sargentos do Quartel da Cavalaria.

CURSO DE CONDUTORES CC M60 A3 TTS



Foi ministrado o curso de Condutor de CC M60 A3 TTS, pelo GCC/BrigMec, no período de 20OUT08-07NOV08 (9 praças do GCC e 1 da CEEng) e de 24NOV08-16DEC08 (5 praças do GCC,

3 do ERec e 1 EPC), que culminou com uma cerimónia de encerramento presidida pelo Exmº MGEN Comandante da BrigMec.

APOIO EXERCÍCIO DA EPC



O GCC/BrigMec prestou apoio ao Exercício de Tática de CC do TPO de Cavalaria, com um Pelotão de CC M60 A3 TTS, no período de 12DEC08 a 17DEC08. O Exercício culminou com uma sessão de tiro real de Carro de Combate, Morteiros, Browning 12.7mm, LG 40mm e HK79, na carreira de tiro D. Pedro, com os meios cedidos pelo ERec/BrigMec.

CERIMÓNIA DE RECEPÇÃO DOS CARROS DE COMBATE LEOPARD 2 A6



Em 22OUT08 decorreu no Quartel da Cavalaria a Cerimónia de recepção de oito Carros de Combate LEOPARD 2 A6 e um carro de instrução de condução "buggy", presidida pelo Exmº Ministro da Defesa Nacional Dr Nuno Severiano Teixeira, contando ainda com a presença dos Exmos General CEMGFA, GEN LUÍS VASCO VALENÇA PINTO e do General CEME, GEN JOSÉ LUÍS PINTO RAMALHO. Estiveram também presentes jornalistas da maioria dos Órgãos de Comunicação Social do nosso País.



Regimento de Cavalaria nº 6

FESTA DE NATAL DO RC 6



A quadra natalícia é um momento especial de expressão de fé, de reflexão e de celebração da vida que nos envolve e sensibiliza, um período tradicionalmente dedicado à Família e em que os valores da fraternidade, da solidariedade e da tolerância adquirem um renovado sentido. O RC 6 levou a efeito, em 12 DEC08, a Festa de Natal, presidida por Sua Excelência Reverendíssima (S. E. R.) o Bispo das Forças Armadas e de Segurança, D. Januário Torgal Mendes Ferreira. A Festa de Natal constou da Eucaristia alusiva à efeméride, com a participação das crianças, de uma palestra proferida por Sua Excelência Reverendíssima o Bispo das Forças Armadas e de Segurança e o almoço de Natal, extensivo a todos os Militares e Funcionários Civis em serviço na Unidade e a todos os familiares presentes.

DIA DE S. MARTINHO



Como é tradição, o RC 6, em 12 de Novembro de 2008,

comemorou a festividade do S. Martinho, levando a efeito, no Refeitório Geral da Unidade, um almoço-convívio, com todos os Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis em serviço na Unidade e com alguns convidados, nomeadamente antigos Oficiais e Sargentos do Regimento. Neste evento, procurou-se, entre algumas conversas e as castanhas da época, manter vivas as tradições, a ligação e o respeito pelos antigos Militares do Regimento e cimentar o espírito de corpo da Unidade.

CELEBRAÇÃO DO DIA DOS FINADOS



No quadro da celebração do Dia de Finados, o Regimento de Cavalaria N.º 6 realizou em 04 de Novembro de 2008, uma cerimónia militar em memória dos militares falecidos, envolvendo uma Missa de Sufrágio no Cemitério de MONTE DE ARCOS e a prestação de Honras Militares, com deposição de uma coroa de flores, junto ao Talhão dos Mortos da I Grande Guerra. Esta Cerimónia foi presidida pelo Comandante do Regimento e contou com a presença de uma delegação de Oficiais, Sargentos, Praças e Funcionários Civis da Unidade e também com representantes da Liga dos Combatentes de Braga.

TOMADA DE POSSE DO NOVO COMANDANTE DO RC 6



Em 22 de Outubro de 2008 realizou-se a Cerimónia de Tomada de Posse do Comando do RC 6 pelo COR Cav.ª FRANCISCO XAVIER FERREIRA DE SOUSA, testemunhada por todos os Militares e Civis do Regimento. O acto de posse do novo Comandante do RC 6 foi assinalado com a sobriedade, o brilho e a solenidade que se impõem e são apanágio do RC 6. Posteriormente, o novo Comandante recebeu a apresentação dos Oficiais, dos Sargentos e dos Funcionários Civis e passou uma revista geral ao Regimento. Os Oficiais, Sargentos, Praças e funcionários Civis do RC 6 desejam as maiores felicidades pessoais e profissionais ao novo Comandante.





Regimento de Cavalaria da GNR



Em 02SET08, deixou de Comandar o Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana, o Coronel Gil Herberto de Menezes, Oficial que nasceu militarmente como Soldado da Guarda na Unidade que comandou e a ultima onde prestou serviço.

O Coronel Gil Menezes transitou para a situação de reserva, transmitindo o comando da Unidade ao Tenente Coronel João de Brito Mariz dos Santos.

Esta cerimónia decorreu na "sala de visitas do RC/GNR" - o 4º Esquadrão, na Ajuda, em Lisboa.



Nas comemorações do dia 5 de Outubro de 2008, realizou-se na Praça Afonso de Albuquerque, uma rendição extraordinária, da Guarda ao Palácio Nacional de Belém, residência oficial do Presidente da Republica.

A cerimónia iniciou-se como habitualmente pelas 11H00 da manhã, tendo a ela assistido, Sua Ex.^a o Presidente da Republica, Prof. Dr. Aníbal Cavaco Silva, entre outras entidades políticas e militares.

Uma das missões do Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional Republicana, é o patrulhamento a



cavalo de algumas zonas verdes da cidade de Lisboa.

Este patrulhamento, apoiado permanentemente por patrulhas auto do RC e da PSP, é essencialmente um patrulhamento de visibilidade, que visa garantir a segurança dos cidadãos, pela presença das forças policiais.

Dada a sua elevada mobilidade nos espaços verdes e terrenos acidentados, tem sido de uma prestação altamente eficiente, impedindo a concretização de elevados crimes e transgressões em curso, sempre apoiados pelos meios auto da GNR e PSP em apoio.



No âmbito do evento Conductong Phase do Exercício Egex08-Eurogendfor, teve início em Dezembro de 2008, por iniciativa da Escola da Guarda Nacional Republicana, uma exposição alusiva à GNR.

Esta exposição, que decorre no Palácio Sotto Mayor, na cidade da Figueira da Foz, desde 16DEC08 a 05ABR, inclui peças de todas as Unidades da Guarda, entre elas, do Regimento de Cavalaria da GNR e de todas as suas valências a nível operacional.



Centro Militar de Educação Física e Desportos

Durante os meses de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 2008 realizaram-se no Centro Militar de Educação Física e Desportos as seguintes actividades:

I TORNEIO DE GOLFE DO CMEFD



O I Torneio de Golfe do CMEFD realizou-se no dia 27 de Setembro de 2008 nas instalações do Lisbon Sport's Club em belas. Este evento contou com a participação de cerca de 40 golfistas, dos quais 2 golfistas do sexo feminino. Após a competição, seguiu-se um jantar convívio nas instalações do CMEFD, onde se procedeu a entrega dos diversos prémios em jogo.

CERIMÓNIA DE ENCERRAMENTO DO CURSO DE TIRO DESPORTIVO 2008:



Em 03 de Outubro de 2008, realizou-se neste Centro a Cerimónia de Encerramento do Curso de Tiro Desportivo 2008. Esta cerimónia foi presidida pelo Exmo. Sr. Comandante do CMEFD Cor Cav José Maria Rebocho Pais de Paula Santos, que efectuou a entrega dos diplomas



e respectivas insígnias aos 4 for mandos (2 Oficiais, sendo um RC e, 2 Sargentos do QP do exército) que concluíram assim, esta formação.

VISITA DE UMA DELEGAÇÃO DE CADETES DA AM ESPANHOLA



No dia 7 de Novembro de 2008, estiveram presentes neste Centro, uma delegação de Cadetes da Academia Militar Espanhola. O programa da visita consistiu numa visita as instalações do CMEFD, seguindo-se uma visita guiada ao Palácio Nacional de Mafra. Por fim, realizou-se o almoço convívio nas instalações do CMEFD.

DIA DO CENTRO MILITAR DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS:



Realizou-se, no passado dia 16 de Novembro, o 97º Dia do Centro Militar de Educação Física e Desportos. Este evento foi presidido por Sua Ex.^a o TGen João Nuno Jorge Vaz Antunes, Comandante da Instrução e Doutrina do Exército, e contou ainda com a presença do Exmo. Sr. Presidente da Câmara Municipal de Mafra, Eng. José Ministro dos Santos, do Director



da Formação do CID, Sua Ex.^a MGen Alfredo N. da Cunha Piriquito e de diversos Comandantes de UEO do Exército. Realizou-se no âmbito das comemorações o XXIX Corta-Mato do Dia da Unidade seguido da habitual Poule Equestre.

2º TORNEIO DE ESGRIMA DO CMEFD 2008

Teve lugar neste Centro Militar, em 28 e 29 de Outubro de 2008, o 2º Torneio de Esgrima do CMEFD. Esta competição contou com a participação de 60 atiradores do sexo masculino e, 10 atiradoras do sexo feminino, de várias UEO do Exército, que durante dois dias mediram forças nas modalidades de espada feminina, sabre masculino e espada masculino.



MEACÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS
 ES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS
 ITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PRO
 OES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOME
 OMEACÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES
 ES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS
 ITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS
 OES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOME
 OMEACÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES
 ES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS PROMOÇÕES, NOMEAÇÕES E ÓBITOS
 ITOS

Promoções e Nomeações

PROMOÇÕES A:

TCOR Cav:

MAJ Cav JOSÉ ANÍBAL A SUSTELO MARIANITO DA SILVA

MAJ Cav:

CAP Cav RUI JORGE PALHOTO DE LUCENA

CAP Cav:

TEN Cav TIAGO ALEXANDRE GOMES FAZENDA

TEN Cav CARLOS MANUEL FIGUEIREDO LOPES

TEN Cav RUI MIGUEL PINHO SILVA

TEN Cav ELISABETE MARIA RODRIGUES DA SILVA

TEN Cav LUÍS MIGUEL ALVES CHOÇAS

TEN Cav ORLANDO JOSÉ RODRIGUES GOMES

TEN Cav JOÃO CARLOS GOMES LOPES MATIAS

CAP Cav:

TEN/G Cav VALTER MIGUEL COSTA DE MELO

CARVALHO

ALF Cav MARIA JOÃO PEDROSO CORREIA

ALF Cav JOÃO PEDRO FARIA LEITE BARROSO

ALF Cav HUMBERTO GOURDIN AZEVEDO

COUTINHO ROSA

ALF Cav RICARDO MANUEL MARTINS P. DOS

SANTOS COELHO

SMOR Cav:

SCH Cav ANTÓNIO MOREIRA FERREIRA

SCH Cav:

SAJ Cav VITOR MANUEL CAMBIAIS FROIS

CALDEIRA

SAJ Cav JOSE MÁRIO DA CRUZ COSTA

SAJ Cav:

1SAR Cav JOSÉ MANUEL DOS SANTOS COSTA

1SAR Cav JOSÉ JOAQUIM PARELHO FERNANDO

1SAR Cav ANTÓNIO JOSÉ COUCHINHO PINA

1SAR Cav LUIS MIGUEL DE MENDONÇA

FRANQUINHO

1SAR Cav:

2SAR Cav HUGO ALEXANDRE F.DE

ALBUQUERQUE

2SAR Cav JONEL AZEVEDO RIBEIRO

2SAR Cav JOÃO MANUEL RIBEIRO CARDOSO

2SAR Cav PEDRO JOSÉ DE S. VASCONCELOS

1SAR/G Cav NELSON CARDOSO TOMÁS

INDIGITAÇÕES:

COR TIR Cav EMÍLIO DE OLIVEIRA DUARTE, 2º

Comandante da BrigMec.

TCOR Cav ANTÓNIO MARIA DELGADO DOS

ANJOS GALEGO, Chefe da RAG/CmdLog,

COLOCAÇÕES:

COR Cav JOSE MANUEL GOMES TAVARES,

DHCM da DEd.



TEN Cav PAULO FERNANDES
EPC



SISTEMA DE ARMAMENTO CT-CV™ DE 105 MM

testado com sucesso no Pandur II 8x8
no Campo Militar de Santa Margarida
em Dezembro de 2007

